

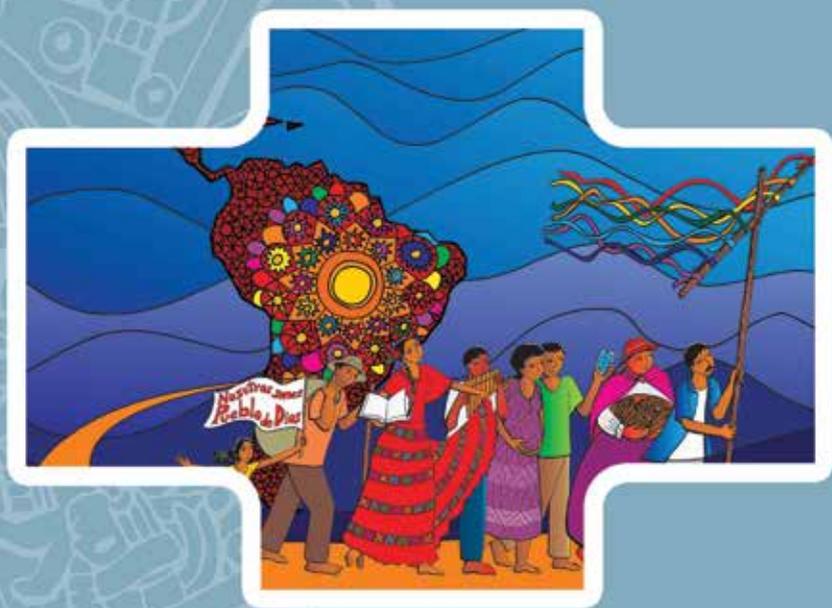
Cadernos



do Centro de Estudos
Missionários Latino-Americano

número

11



Para além do ad extra

Missionários Xaverianos 2024

Cadernos do Cemla

Os Cadernos do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano (Cemla) são uma publicação periódica dos Missionários Xaverianos da América Latina (Brasil, Colômbia, México). Recolhem artigos de estudos e de reflexão sobre a realidade socioeconômica, política, cultural e religiosa do Continente, sobre a caminhada da Igreja latino-americana e sobre a relevância da presença xaveriana nos diversos contextos.

Logo: *representação do mito do caledário asteca dos Cinco Sois, que conta a história da criação e o papel desempenhado pelos deuses. Os Cinco Sois são cinco períodos da história: em cada um deles reinou uma divindade. Cada vez que houve uma catástrofe, os homens desapareceram. Então, a humanidade voltou a renascer com a dominação de uma nova divindade. Agora, de acordo com a lenda asteca, vivemos no quinto sol que está no centro da representação.*

Imagem de capa: cartaz do X Encontro Continental de CEBs realizado em Luque, Paraguai, de 13 a 17 de setembro de 2016.

Coordenador

Rafael López Villaseñor – Brasil

Equipe de redação

Diego Jorge Alvarado Pacheco – México

Estêvão Raschiatti – Brasil

Geraldo López Custodio – México

Oswaldo Pulido Reynoso – Colômbia

Raymundo Camacho Covarrubias – Brasil

Tea Frigerio – Brasil

Edição brasileira

Diagramação: Estêvão Raschiatti

CADERNOS do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano Edição brasileira

Missionários Xaverianos
Rua Victorio Viezzer, 701 – Vista Alegre das Mercês
80810-340 CURITIBA, PR
Tel. +55 (41) 3335.2166

SUMÁRIO

Editorial	5
------------------------	---

Rafael Lopez Villasenor

A missão ad extra

Sair dos próprios esquemas culturais e religiosos	13
---	----

Gerardo Custodio López

Ad extra: saída e reposicionamento	26
---	----

Estêvão Raschiatti

Além da missão ad extra

Cruzar fronteiras, habitar periferias, abrir caminhos	42
---	----

Tea Frigerio

Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras

Jesus, Paulo a comunidade apostólica e as fronteiras: uma reflexão bíblica ecumênica	58
---	----

Diego Jorge Alvarado Pacheco

Missão ad extra na educação	76
--	----

Oswaldo Pulido Reynoso

A fronteira da pós-modernidade

Desafios na pastoral da juventude na América Latina	88
---	----

Raymundo Camacho Covarrubias

Missão ad gentes na perspectiva das "novas fronteiras"

junto aos povos indígenas	100
---------------------------------	-----

EDITORIAL

Além da missão *ad extra*

Estivemos reunidos de 26 de fevereiro a 1 março de 2024, no Centro Xaveriano de Animação Missionária e Vocacional em Medellín, Colômbia, por ocasião do 12º Encontro do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano (CEMLA). Estavam presentes Rafael López Villaseñor e Estêvão Raschietti da Região Brasil Sul; Raymundo Camacho Covarrubias da Região Brasil Norte; Tea Frigerio das Missionárias de Maria-Xaverianas da Região do Brasil; Osvaldo Pulido Reynoso da Delegação da Colômbia; Gerardo Custodio López e Diego Jorge Alvarado Pacheco da Região do México. Juntos analisamos, revisamos e discutimos os textos elaborados durante o ano de 2024 que abordaram o tema: “Além da missão *ad extra*”.

O debate que realizamos foi intenso, participativo e produtivo. Aqui vão algumas anotações que gostaríamos de compartilhar.

***Ad extra* entre os confins da terra e as periferias existenciais**

A missão *ad extra* entendida principalmente como saída geográfica do próprio ambiente, cultura e igreja de origem (C 9), constitui um critério importante, mas insuficiente para definir os contornos de um carisma e de um projeto missionário *ad gentes*. Hoje as fronteiras são múltiplas, são coloniais, são invisíveis, são excludentes e necessitam serem assumidas com urgência, ousadia e sem medo para que seja testemunhado e anunciado o Reino da Vida a todos. Impulsionada pela perspectiva da “Igreja em saída” do Papa Francisco, a missão é chamada a tomar iniciativa (EG 24), deixando a tranquilidade passiva dos templos e das sacristias (DAp 548), saindo da própria comodidade e tendo a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20): “nada do humano pode lhe parecer estranho” (DAp 380).

Isso implica não apenas mudar de país, aprender uma língua e se inserir na vida de outro povo, mas ter a capacidade de olhar o humano a partir de dentro, perceber as alegrias e as tristezas, saber colher os anseios e as aflições, partilhar o cotidiano com espírito de serviço e de luta, tecer relações humanas de ternura e de amizade, habitar as fronteiras do mundo dos pobres: aprender, escutar, dialogar, trabalhar, viver e, sobretudo, alimentar a esperança. Muito mais que um movimento exterior, a missão *ad extra* é chamada a expressar um movimento interior, um jeito de ser e de viver, uma paixão intensa e incarnada pela humanidade, um impulso de gratuidade que não se contém e que alcança a extensão dos confins da terra nas profundezas das periferias existenciais.

Tudo isso do que estamos afirmando, não é muito diferente do que já dizia Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*: “para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos, mas de chegar a atingir os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” (EN 19). Por sua vez o Documento de Puebla lembra: “a evangelização tem de *calar fundo* no coração do homem e dos povos. Por isso sua dinâmica procura a conversão pessoal e a transformação social. A evangelização há de *estender-se* a todos os povos; por isso sua dinâmica procura a universalidade do gênero humano. Ambos estes aspectos são de atualidade para evangelizar hoje e amanhã a América Latina” (DP 362).

Repetita iuvant ... sed secant?

Muitas das reflexões que aqui apresentamos, são propositalmente argumentos que retomamos e repetimos várias vezes em nossos Cadernos: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”? Apesar de ter chamado à atenção frequentemente para os avanços da Teologia da Missão dos últimos 30-40 anos, certas ideias teimam a entrar na reflexão e na prática missionária, tanto em nível de comunidades locais como também em nível institucional. A dificuldade de se desprender de saudosas visões do pas-

sado que motivaram entregas heroicas e testemunhos exemplares, assim como o surgimento inovador de instituições missionárias, parece vinculada ao medo de uma infidelidade intencional em relação ao carisma fundacional e de um repúdio dos propósitos pelos quais essas realidades foram criadas.

Com efeito, qualquer carisma tem sempre seus contornos estritamente contextuais: surge em um determinado âmbito sociocultural, alimenta-se de uma sensibilidade e de uma espiritualidade encarnada numa conjuntura histórica, transmite uma visão de mundo ligada a uma particular compreensão da realidade. Essas são as condições básicas para um carisma surgir, existir e se comunicar: o carisma congregacional é sempre histórico e, portanto, intrinsecamente *finito* em suas expressões, em suas articulações e em seus projetos.

Com a mudança dos tempos e dos contextos, os propósitos e as finalidades de qualquer realidade associativa vão radicalmente revistas e ressignificadas, pena correr o risco de se tornar irrelevantes e autorreferenciais diante dos novos desafios que se apresentam.

Hoje em dia, parece que os xaverianos no seu conjunto e como instituição estão ancorados a um passado que não existe mais, apesar dos muitos documentos publicados e dos *aggiornamenti* realizados. Repetimos mais uma vez: o mundo não é mais o mesmo de cem, cinquenta ou trinta anos atrás. Uma afirmação tanto óbvia como tremendamente mal assimilada. A realidade fala por si, apesar dos filtros ideológicos dedutivos com os quais habitualmente a analisamos.

Amar a nossa vocação missionária

Desta maneira, o axioma da *missio ad gentes, ad extra, ad vitam* pode resultar tanto anacrônico quanto vazio de significado para a conjuntura atual, se não se fizer uma releitura e uma ressignificação profunda. Pode estar sendo utilizado para justificar tanto uma missão colonial, como também uma “missão líquida”, acomodada e esvaziada de compromisso profético.

Parece-nos claramente de perceber uma certa resistência em nível congregacional em enfrentar com coragem as implicações de um novo paradigma missionário que emerge das mudanças epocais que estão acontecendo. Isso requer uma nova mentalidade, uma nova linguagem e uma nova visão teológica que fatigue a vingar, enquanto o clericalismo, o conformismo e o paroquialismo continuam ceifando perspectivas esperançosas de transformação.

Ao mesmo tempo, quem procura encabeçar uma reflexão e uma pesquisa em determinadas direções, é marginalizado no limbo das múltiplas opiniões descartáveis. Estudos e reflexões não serão em todo caso perdidos, porque outras pessoas e outros projetos, cedo ou tarde, irão fazer um bom proveito deles. Todavia, não é certamente edificante assistir a uma articulação introspectiva que produz documentos insossos, diretrizes irrelevantes, programas anacrônicos e sem impulso profético, enquanto teríamos um magistério pontifício que poderia nos inspirar e incentivar a dar expressivos saltos adiante. Quem sabe lendo os documentos do último Capítulo Geral possamos encontrar luzes que ajudam a vislumbrar novos caminhos.

Colocar a missão em questão não é uma falta de amor à vocação missionária e nem à congregação xaveriana: pelo contrário, exatamente porque é de corpo e alma que nos dedicamos à missão *ad gentes*, entendemos que essa realidade genuinamente evangélica há de ser estruturalmente repensadas para os dias atuais, segundo certas perspectivas, assim como de outras que eventualmente haverão de surgir. E tudo isso para responder adequadamente e responsabilmente à missão à qual fomos chamados e chamadas.

As temáticas desse Caderno

Os artigos que aprontamos para a edição desse caderno, podem se dividir em dois blocos: uma reflexão sobre a missão *ad extra* em si, e uma reflexão sobre as fronteiras que somos chamados a cruzar e a habitar.

Abrimos o primeiro bloco com a contribuição de Rafael Lopes que trata da missão *ad extra* como saída dos próprios esque-

mas culturais e religiosos. Retomando alguns princípios básicos de uma Teologia da Missão atualizada, Rafael aponta para o diálogo intercultural e interreligioso como uma nova e fundamental maneira de encontro com os outros, e o êxodo de nós mesmos como processo de aproximação, encarnação e itinerância a caminho de uma descolonização da missão.

Por sua vez, Geraldo Custodio convida a refletir sobre a missão *ad extra* como saída e reposicionamento, já numa ótica tipicamente xaveriana, retomando também temas de Teologia Fundamental da Missão como a *Missio Dei*, o diálogo, a decolonização. Passa, portanto, a tratar do tema *ad extra* do ponto de vista bíblico, intercultural, pastoral, redescobrimdo a figura de Jesus e, conseqüentemente, a do missionário aberto a atender as novas realidades que aparecem em seu caminhar.

“Cruzar fronteiras, habitar periferias e abrir caminhos” é o subtítulo do aporte de Estêvão Raschiatti, que começa apresentando certas contradições de como se vive hoje a *missio ad extra* nos institutos missionários. Esse princípio remete à Igreja em saída do Papa Francisco, que implica antes de tudo um sair de nós mesmos, uma travessia de “nossas” fronteiras, um habitar os extremos do humano e um abrir caminhos de superação derrubando muros, construindo pontes e alimentando esperanças.

Em seguida, Tea Frigerio nos propõe uma reflexão bíblica ecumênica sobre as fronteiras, conjugando o verbo “sair” como resposta a um grito pela vida. “Sair” é uma linha que costura todo texto sagrado, e que encontra em Jesus e em Paulo duas figuras paradigmáticas e apocalípticas, porque a luz que os guia é “um novo céu e uma nova terra”: habitar as fronteiras com coração sem fronteiras é utopia apocalíptica para hoje.

Entre as fronteiras do mundo contemporâneo que nos convidam a sair *ad extra*, está sem dúvida o mundo da educação. A periferia existencial do ponto de vista humano e religioso representada pelo ambiente escolar, é algo que necessita sensibilizar a todos, segundo Jorge Alvarado. Anunciar o Reino de Deus vai além da busca de seguidores da religião católica: a missão na edu-

cação está orientada para a realidade cotidiana do povo. Nesse sentido, a Igreja precisa ser profundamente humana em sua ação evangelizadora e no trato com as pessoas.

Relacionado a este tema, o artigo de Osvaldo Pulido Reynoso aprofunda a fronteira da pós-modernidade como desafio para a pastoral da juventude na América Latina. Mergulhados num mundo que exalta a autonomia, o relativismo, a pós-verdade, o consumismo, o imediatismo, as novas gerações são as que mais se identificam com as transformações culturais mais profundas impulsionadas pelas redes sociais. Essa fronteira exige da Igreja missionária um *ad extra* paciente e humilde, disposto a escutar e a se descalçar para abrir caminho num acompanhamento feito de propostas e de processos.

Enfim, Raymundo Camacho nos apresenta as novas fronteiras junto aos povos indígenas, também fortemente influenciados pelas mesmas mudanças culturais epocais: fronteiras internas em seu meio, como o confronto entre gerações, e fronteiras externas como a pressão política e econômica perpetrada por grupos de poder. A realidade em contínua transformação exige dos missionários reposicionamento e uma renovada opção de fé diante da sensação de impotência, mas também acreditando e celebrando sinais de vitória.

Desburocratizar a missão

Com esse quadro queremos apenas talvez abrir um debate entre missionários e missionárias, para discernir continuamente os caminhos da *missio ad extra* e de seu contínuo cruzar fronteiras. Parece-nos que, diante dos desafios do mundo atual, precisamos desconstruir a identificação unívoca do *ad extra* com as fronteiras geográficas: um dogmatismo nesse sentido não faria jus a uma autêntica sensibilidade missionária, e nem a um carisma radicado no mais genuíno espírito evangélico.

Precisamos prestar atenção à pauta das urgências que o mundo nos apresenta, antes de elaborar projetos de vida a partir de saudosos pressupostos. Uma missão *além* do *ad extra* convida

a enxergar as fronteiras existenciais em qualquer lugar onde nós estamos, aqui e agora, saindo da acomodação sem titubear, com coragem e ousadia, desburocratizando e desamarrando a missão *ad gentes* de vínculos excessivamente institucionalizados.

Agradecemos imensamente a atenção fraterna e a acolhida aconchegante dos confrades de Medellín, Osvaldo, Leonardo e Yeremias, que proporcionaram mais uma vez um encontro do CEMLA na Delegação da Colômbia.

Marcamos o próximo encontro de 10 a 14 de março de 2025 em Belém, refletindo sobre o tema “Além da missão *ad vitam*”.

Medellín, 1 de março de 2024

A MISSÃO AD EXTRA

sair dos próprios esquemas culturais e religiosos

de Rafael López Villaseñor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: Este ensaio tem por finalidade refletir a teologia da missão, tendo como eixo central o ad extra, enquanto êxodo e saída, não apenas geográfica, mas também dos próprios esquemas de pensamento, em um processo de inculturação. Porém, qual é o sentido da missão ad extra e ad gentes em um mundo globalizado? O que significa na atualidade sair além-fronteiras? Questões que nos levam a pensar que a missão mudou e que indagam a reflexão. É necessário repensar a teologia da missão. Neste sentido, o artigo desenvolve três pontos, primeiramente parte da reflexão da teologia da missão, ela vem de Deus, a origem é a própria Trindade. Em seguida, se aborda a temática da missão ad gentes como diálogo cultural e religioso, saindo dos próprios esquemas culturais de pensamento, em um processo de inculturação. Enfim, a missão ad extra se vivencia, como no êxodo, em um processo de saída em direção aos povos e culturas, como missão universal, privilegiando os lugares onde a vida está mais ameaçada.

ABSTRACT: The finality of this essay is to reflect on the theology of mission, having as its central axis the mission ad extra, as an exodus and an exit, not only geographic, but also from one's own schemes of thought, in a process of inculturation. But what is the meaning of the mission ad extra and ad gentes in a globalized world? What does it mean to go out across borders today? These are questions that lead us to think that the mission has changed and that call for reflection. It is necessary to rethink the theology of mission. In this sense, the article develops three points, first part of the reflection of the theology of mission, it comes from God, the origin is the Trinity itself. Then, the theme of the mission ad gentes as a cultural and religious dialogue is addressed, leaving the cultural schemes of thought themselves, in a process of inculturation. In short, the ad extra mission is experienced as in the exodus in a process of going out towards peoples and cultures, as a universal mission, privileging the places where life is most threatened.

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco nos ensina que a missão é “*sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido em defesa da vida envolve a imagem de Deus*” (EG 46): sair de si mesmo para entrar na cultura e na casa do outro como hospede, para os lugares onde a vida está ameaçada. A missão, porém, não envolve somente uma imagem abstrata de Deus, que se encarnou no mundo em Jesus de Nazaré, mas é concreta e histórica, que levam para novas relações de vida. A missão é relacional e multidimensional como as pessoas e os grupos sociais, por isso universal. De acordo com os interlocutores, ela necessita mudar o discurso, a metodologia, as prioridades. A prática missionária, além de ser universal e contextual, é específica dentro de uma cultura e povo.

Ao longo deste ensaio é apresentado a missão *ad extra* como eixo central do texto, porém, o que entendemos por missão na atualidade? Será que ainda tem sentido falar da missão *ad extra* em um mundo globalizado? Qual é hoje o significado da missão *ad gentes*? Faz sentido a saída geográfica, quando não se é capaz de sair dos esquemas culturais e religiosos?

Para responder a essas questões apresentamos três eixos: primeiro, sublinhamos a missão como obra de Deus que antecede a qualquer ação da Igreja, e que se encontra presente e atuante nas culturas; em seguida é abordada a temática da missão *ad gentes* como diálogo cultural e religioso saindo dos próprios esquemas culturais, religiosos e de pensamento, em um processo de inculturação; enfim, a missão é êxodo e saída não apenas geográfica, mas também dos próprios esquemas de pensamento no processo de inculturação sendo hospede da casa do outro.

A ORIGEM DA MISSÃO É O PRÓPRIO DEUS

A missão faz parte da história da Igreja, foi feita de acertos e erros, luzes e trevas. Para Paulo Suess (1995) “*nas sandálias dos missionários há poeira e sangue. A inculturação bem-sucedida de*

ontem, hoje pode representar um peso morto” porque a missão se transforma. Olhando a missão a partir dos destinatários, nas palavras de dom Desmond Mpilo Tutu, bispo anglicano da África do Sul e prêmio Nobel da Paz em 1984, a missão significou que *“quando os missionários chegaram, eles tinham a Bíblia e nós tínhamos a terra. Pediram-nos para rezar e fechamos os olhos. Quando os abrimos de novo, nós tínhamos a Bíblia e eles a terra”*.

A Igreja com seus acertos e apesar dos erros, tem como meta a construção do Reino de Deus, da justiça, solidariedade, misericórdia e paz. A Igreja não é fim a si mesma, mas está a serviço da missão e do Reino, do qual é princípio, sinal e instrumento (RMI 18). Portanto, todo o trabalho missionário é pelo Reino, por isso para fazer acontecer o Reino a Igreja se põe em estado permanentemente de missão. A missão da Igreja emerge da origem e estrutura trinitária com a finalidade de defender a plenitude da vida de cada pessoa, que ultrapassam todas as fronteiras geográficas, étnicas e culturais, isto é a missão é universal. A vida é absoluta como é o próprio Deus, nesse sentido, *“a teologia da missão é intimamente dependente de uma teologia da salvação”* (GEFFRÉ, 2013, p. 304). Também a encíclica Redemptoris Missio (RMI 18) expressa de forma clara que o Reino de Deus é uma realidade mais ampla que a Igreja.

A estrutura missionária da Igreja é trinitária, porque ela é *“Povo de Deus”, “Corpo do Senhor” e “Templo do Espírito Santo”* (LG 17). Povo de Deus significa que é povo eleito por Deus. A eleição não constitui “exclusividade”, mas “universalidade”, porque a missão vem de Deus, pois Deus é amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si já com a criação do mundo, com a história da salvação, para reintegrar as criaturas na vida plena do Reino. Esse transbordar histórico da Trindade Imanente foi chamado de Trindade histórico-salvífica, que configura a missão de Deus. Deus é missão, a missão existe com Deus (RASCHIETTI, 2011, p. 11-12). Entretanto, o Espírito Santo é o *“protagonista da Missão”* (RMI 21). Jesus diz aos seus discípulos: *“Recebereis a força do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas até os confins do mundo”* (At 1,8). O Espírito

na Igreja anima a missionariedade e faz os apóstolos decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2). Portanto, a missão é obra de Deus, antecede qualquer ação da Igreja que se encontra presente e atuante nas culturas e entre os povos (cf. AG 9).

A Igreja missionária é comunidade constituída por comunidades que lutam pela vida a partir da fé. Todavia, não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus. A atividade missionária não é apenas uma ação da Igreja, mas é simplesmente a Igreja em ação (RASCHIETTI, 2011, p. 12). De acordo com Moltmann, (1978, p. 26) *“não é uma igreja que tem uma missão, mas ao contrário, é na missão de Cristo que se cria a Igreja. Não é uma missão que deve ser compreendida a partir da Igreja, mas o contrário”*. Decorre de sua origem e estrutura trinitária. *“A Igreja peregrina é, por natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”* (AG 2). Inclusive, no prefácio do decreto *ad gentes* se relaciona a missionariedade da Igreja com a sua catolicidade. A Igreja deixa de ser católica se não for missionária: *“enviada por Deus a todos os povos para ser sacramento universal de salvação, por exigência íntima de sua catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador (cf. Mc 16,16), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os povos”* (AG 1).

A missão é a essência da Igreja. Não pode ser separada. A razão de ser da missão é uma só, ou seja, que todos os homens sejam salvos em Cristo, único mediador (cf. 1Tm 2,4) e visa a que todos formem um só Povo de Deus, se unam num só Corpo de Cristo e edifiquem um só Templo do Espírito (AG 7). A Missão é o próprio agir de Deus na história (AG 9) e deve ser cumprida para defender a vida, feita segundo a imagem de Deus. A vida não pode ser defendida por deuses ou ídolos que combatem entre si, nem por ídolos projetados pelo sistema opressor. Ao afirmar a universalidade da missão, vamos na contramão das exclusividades de contextos, sistemas e grupos humanos fechados: por isso, todo o gênero humano é chamado a constituir-se Povo de Deus

para restaurar o mundo em Jesus Cristo (cf. LG 1; 3; 28; AG 4). Os projetos históricos dos povos estão relacionados ao projeto do Reino de Deus.

A missão da Igreja no mundo é fazer presente o Deus da Vida para que a humanidade tenha vida em abundância; convocar para a libertação do mundo. A missão não pode ter apenas uma linha eclesial, também não deve ser um departamento pastoral, mas fonte e princípio de vida plena (SUESS, 1995). Assim, a pastoral e a ação evangelizadora são chamadas a apresentar uma íntima analogia com a missão *ad gentes*. Neste sentido afirma-se que “*o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial*” (RMi 21). Ele rejuvenesce, purifica e renova a Igreja (cf. LG 4). A necessidade da Igreja na ordem de salvação universal afirma-se, através das expressões: “*sacramento universal de salvação*” (LG 48), “ *sinal é instrumento de salvação*”. De tal modo que, Deus quer que toda a humanidade seja salva e chegue ao conhecimento da verdade.

A MISSÃO COMO DIÁLOGO CULTURAL E RELIGIOSO

A missão *ad gentes* não pode ser caracterizada apenas pela distância ou pela saída geográfica *ad extra*, embora faça parte e indique também um sair; mas de maneira especial deve ser uma saída dos próprios esquemas culturais, religiosos e de pensamento, em um processo de inculturação. Transcende as fronteiras geográficas e aparece em todos os continentes a tal ponto que a missão pode ser realizada em qualquer lugar. Além disso, o Papa Francisco afirma, “*a atividade missionária é o paradigma de toda obra da Igreja*” (EG 15). “*Sem a missão ad gentes, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada de seu significado fundamental e de seu exemplo de atuação*” (RMi 34).

A missão *ad gentes* se caracteriza, em especial, pela distância cultural e religiosa. Acontece através do diálogo com os que têm outras crenças ou não acreditam em Deus. A emergência do pluralismo religioso e cultural convida a Igreja a repensar a própria identidade e a atividade missionária. Não é possível ignorar o pluralismo de formas de ver e compreender a realidade cultu-

ral, religiosa e social no mundo globalizado. O diálogo aposta na possibilidade da renovação das relações interreligiosas pelo encontro, por meio de um conjunto de relações interreligiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento. Este relacionamento interreligioso acontece com as pessoas que estão enraizadas e compromissadas com a própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença.

O diálogo interreligioso necessita ser uma opção missionária, uma atitude permanente frente ao pluralismo religioso. Claro que Deus é sempre maior do que a nossa compreensão. As religiões não cristãs, também desempenham um papel salvífico. Para que aconteça é necessário o diálogo interreligioso e intercultural no mútuo respeito e conhecimento. Quando se experimentam os valores de uma religião e de uma cultura, entende-se melhor a inculturação, que é uma arte integral da comunicação do Evangelho, para que a mensagem seja transmitida integralmente. A cultura é cada vez mais válida para a reflexão sobre a fé, e precisa usar sua própria lente para interpretar as Escrituras, formulações doutrinárias, práticas éticas e costumes litúrgicos. A fé cristã precisa estar envolvida no contexto cultural e espiritual dos povos originários (cf. VILLASEÑOR, 2020).

No entanto, a missão *ad gentes* orienta para a evangelização dos “*povos, grupos humanos, contextos socioculturais, onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, ou onde faltam comunidades cristãs suficientemente maduras para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos*” (RMi 33). Todavia, na mentalidade da cristandade, a missão *ad gentes* coincidiu com a missão além-fronteiras. O Vaticano II fornece alguns critérios para identificar os destinatários da missão que hoje são bastante questionáveis, como o desconhecimento de Cristo e a vivência fora da Igreja. Inclusive a missão *ad gentes* necessita ser ecumênica visando o *ad intra* à unidade dos cristãos e o *ad extra* somar forças nas grandes questões não confessionais que hoje atormentam a humanidade como a paz, a justiça, a diversidade cultural, a nova ordem mundial, a ecologia, as futuras gerações, entre outros (SUESS, 1995).

A missão deve ser respeitosa e encontrar a “*semente do Verbo*” (AG 11; LG 17) entre os interlocutores, que se encontram entrelaçadas nas culturas dos respectivos povos, uma “*preparação evangélica*” (LG 16) e por uma “*pedagogia de Deus para Cristo*” (AG 3). Porém, de acordo com os documentos eclesiais, a Igreja tem o dever “*de pregar o Evangelho a todos os que ainda se achem fora*” (AG 6) dela e “*não creem em Cristo*” (AG 20). Também a *Redemptoris Missio* define a missão *ad gentes* como evangelização dos que “*ainda não conhecem Cristo Redentor*” (RMi 31). Porém, no mundo globalizado, dificilmente alguém nunca ouviu falar de Jesus ou não teve acesso à doutrina do cristianismo. Com a globalização do mundo, mercados, capitais, e meios de comunicação, as fronteiras geográficas perderam importância, tudo está interligado. Existem novas fronteiras, culturais e sociais, que atravessam quase todos os países. Para o papa Bento XVI o cristianismo não é apenas uma “boa nova”, ou uma comunicação de conteúdos ignorados. Em linguagem atual, se diria: “*a mensagem cristã não era só ‘informativa’, mas ‘performativa’. Significa que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida*” (SS 2). Neste sentido, o novo cenário de “missão além-fronteiras” os cristãos vivem a mística do caminho, da caminhada, do seguimento, do despojamento e os desafios da alteridade. A missão precisa, em vista de seus interlocutores, elaborar as prioridades contextualizadas, com uma metodologia própria e conteúdos específicos inculturados.

A MISSÃO COMO SAÍDA E ÊXODO

A missão *ad extra* nos coloca a caminho do êxodo, em saída, a Palavra de Deus, aparece constantemente no dinamismo de saída, que Deus quer provocar em todo batizado, como discípulo missionário. A missão é vivida numa dinâmica de êxodo e de dom. Na Bíblia, Abraão aceitou a chamada para sair rumo a uma nova terra (Gn 12,1-3). Também o próprio Moisés ouviu a chamada de Deus: “*Vai; Eu te envio*” (Ex 3,10), e ele fez sair o povo rumo a terra prometida (Ex 3,17). Ao profeta Jeremias Deus lhe disse: “*Irás aonde Eu te enviar*” (Jr 1,7). Jonas embora queira fugir, Deus

o envia para Nínive a contragosto (Jn 1,1-2). Também, hoje todos somos chamados a uma nova saída missionária, como discípulos missionários. “*Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG 20). No entanto, mesmo não sendo fácil “*sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além*” (EG 21), “*sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem*” (EG 80).

A saída missionária nos paradigmas *ad extra*, *ad gentes* e *ad vitam* caminham juntos e não esgotam a missão, mas exaltam a sua urgência, universalidade e radicalidade missionária. Todavia, o *ad extra* indica a missão na sua radicalidade e especificidade, “*se exerce em territórios e grupos humanos bem delimitados*” (RMi 37), e que “*um contexto culturalmente não-cristão representa um desafio bem mais complexo e de primária importância em relação a outros já marcados por uma tradição cristã*” (RASCHIETTI, 2011, p. 28). Atualmente, existe progressivamente a consciência da influência do empreendimento colonial na visão da missão, neste sentido, na reflexão teológica há um esforço para a decolonização. Um grande esforço está em andamento, na reflexão e na prática, para se livrar da visão colonial.

O cristianismo desde suas origens saiu em missão. Porém, no século IV se tornou a religião lícita do Império Romano, sendo a religião oficial do estado considerada a única “*arca da salvação*”, fora da qual a humanidade se perdia. Cipriano de Cartago em 258, afirmava “*extra ecclesiam nulla salus*”. A problemática principal para a igreja e para a teologia era a questão da salvação dos outros povos em Jesus Cristo, de aí a necessidade da missão como saída “*ad extra*” e como “*plantatio Ecclesiae*”. Os missionários tinham muito claro que todo aquele que não tivesse chegado à fé explicita em Jesus Cristo não poderia ser salvo de forma alguma (DUPUIS, 2004, p. 19-20). De fato, Igreja reivindicou a universalidade da salvação em Jesus Cristo. Ser missionário significava sair geograficamente da Europa, visando a expansão geográfica e religiosa da Igreja nos lugares que ainda não existia, levando a “*fé*” e “*civilização*” assim como a própria cultura. Era uma missão eurocêntrica e colonialista.

Até os dias de hoje se usam os termos com ‘pagãos’, ‘infieis’ ou ‘não-cristãos’. Ainda tem quem vê as outras religiões como manifestações humanas e idolátricas. Usar a palavra, “não-cristãos”, para dirigirmos às outras religiões não é adequada, porque nós cristãos também somos os “não-hindus” os “não-budistas e os “não muçulmanos”. Devemos chamar as pessoas a partir da autoconcepção, não a partir da compreensão alheia, com frequência preconceituosa (DUPUIS, 2004, p. 23). De qualquer maneira, falar de salvação para os “não-cristãos”, fora da igreja católica, sempre foi uma situação não bem resolvida, já que a teologia cristã pensa o cristianismo como o meio universal da salvação. *“As vias de salvação são predispostas por Deus e não pelos próprios seres humanos”* (DUPUIS, 2004, p. 213). No lugar de falar que fora da Igreja não há salvação é melhor dizer que “fora do mundo não há salvação”, já que os cristãos na Igreja não são os proprietários nem de Deus, nem da Salvação, são apenas testemunhas do Reino de Deus (GEFFRÉ, 2013, p. 275).

Enfatizamos que a ação missionária foi realizada a partir da visão colonialista e eurocêntrica, nos mesmos navios que viajavam os missionários iam os colonizadores. A missão era parte da expansão colonial da Europa para o resto do mundo. Até poucos anos também era possível dizer os lugares onde não se conhecia a Jesus Cristo, isto é, a missão *ad gentes*

na mentalidade da cristandade, coincidia com a missão ad extra, em territórios culturalmente não-cristãos. Extensão rimava com expansão da Igreja. Hoje, parece impor-se como realidade em qualquer lugar, particularmente nos contextos de antiga tradição cristã (RASCHIETTI, 2011, p. 22).

No geral, os países não-cristãos estavam fora da Europa, portanto os missionários saíam do primeiro mundo para o terceiro mundo. Ser missionário significava sair da própria terra. Esta concepção geográfica marcou a história da missão. Os povos conquistados e dominados, eram vistos e postos em uma inferioridade natural. Porém, atualmente pode suceder o contrário, isto é, querer ser missionário *ad extra* para buscar vantagens pessoais e conforto familiar, que talvez não seja encontrado no próprio país; saindo do terceiro mundo para o primeiro mundo.

O mundo está globalizado, não existe a separação de um mundo cristão e não-cristão. A própria Europa foi secularizada, inclusive recebe grande fluxos migratórios formando um pluralismo religioso. O conceito da missão mudou e se sabe que a missão está em todo lugar. Esta realidade desafia o *ad extra*, de aí vem a questão: ainda é necessário sair da própria terra para ir ao encontro dos “não-cristãos” quando eles batem à porta? Claro, que para as congregações exclusivamente missionárias é necessária a saída, de acordo com as normas internas, para viver o desafio *ad extra*, olhando para os pobres e migrantes que estão em todos os lugares. Embora o princípio pode haver sido enfraquecido, em alguns institutos missionários, que estão enfrentando a crise do envelhecimento, falta de vocações, saída do instituto dos jovens, falta de identidade, entre outros aspectos que parecem ser irreversíveis. Na atualidade, o *ad gentes* pode ser encontrado em todo lugar, mas não deve afetar a validade fundamental do *ad extra*. É necessário, no entanto, sondar seu significado profundo com uma nova visão. Devemos de colocarmos em uma dimensão de “itinerância” não apenas de acordo com a dimensão geográfica, mas também no sentido de maior liberdade, disponibilidade e até pobreza. “itinerância” significa estar em movimento com a capacidade de não se fixar em um único serviço ou atividade missionária. De acordo com o Papa Francisco a missão é sempre sair para defender a vida:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui; (...) prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. (...) Espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos (EG 49).

De acordo com a citação anterior do Papa, a missão em saída significa deixar as próprias seguranças culturais, psicológicas, estruturas, entre outras tantas, para outra cultura, se enlameando por ter saído, em vista do primeiro anúncio. O desafio maior na saída é ser capaz de se inculturar, ser hospede na casa do outro, entrar

em outra cultura e mentalidade do povo que acolhe; é “*a ação do Espírito, faz-nos sair dos esquemas limitados*” (EG 272). O missionário em outra cultura e povo, antes de tudo, é hóspede assume as características culturais das pessoas que o acolhem, aprecia e aceita o que lhe é oferecido, qualquer que seja oferta, pois está em uma cultura diferente. Ser hóspede é consciência de saber sair, deixar e chegar. Não se pode aproximar para uma determinada cultura sem a disposição para o diálogo e para a acolhida do diferente.

O missionário é hospede em saída, na caminhada e no processo de inculturação, vive a abertura com o povo, com a cultura diferente, aprende o idioma local, respeita as tradições, os costumes, as crenças locais e a se inserir aos poucos na nova realidade (EG 69). Faz um longo itinerário com a nova cultura, onde compartilha a própria fé, cultura, costumes, no processo de encarnação. Deixa de lado os “preconceitos” ou influências culturais. Supera as tentações de acreditar de pertencer a uma cultura “superior”, assim como se liberta das pretensões de fazer parte de costumes e tradições mais “civilizadas” ou mais humanas, do que a cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão *ad gentes* e *ad extra* necessita ter a consciência que ao longo da história esteve envolvida com o projeto colonial. A colonialidade ainda existe, está encarnada na pessoa por meio do pensamento e projetos de vida, consciente ou inconscientemente. A missão não é intrinsecamente colonial, mas esteve envolvida com a missão moderna colonial. Para descolonizarmos a missão é necessário fazer um processo demorado de desaprender e reaprender, um caminho de reflexão teológica e de prática cotidiana nas relações humanas. Nesse sentido a missão decolonial é desafiadora no processo de encarnação e inculturação.

O trabalho missionário precisa estar marcado pela gratuidade, sabendo relativizar elementos da própria cultura e reaprender com as pessoas na nova realidade. A empatia e a proximidade são cruciais para a construção de relacionamentos significativos e para que o anúncio do Reino seja eficaz. A abertura ao diálogo

com as diferentes religiões, costumes e culturas não só enriquece a própria compreensão da cultura ou religião, mas também promove a tolerância e o respeito mútuo. O respeito e o diálogo pelo diferente são essenciais para um trabalho eficaz.

A missão *ad gentes* tem como característica o primeiro anúncio a todos os povos e culturas, pela saída transcultural e pela opção preferencial pelos pobres, na atualidade a missionariedade paradigmática de toda Igreja, que vai se delineando em torno de novos rostos, estilos, conceitos, com o enfoque do primeiro anúncio, em um mundo globalizado. Não é possível ignorar o pluralismo de formas de ver e compreender a realidade cultural, religiosa e social, em que tudo está interligado como mercados, capitais, meios de comunicação.

Está claro que para as Congregações especificamente missionárias o *ad gentes* está ligado ao paradigma *ad extra* e *ad vitam* como missão específica do primeiro anúncio “*fora do próprio ambiente, cultura e Igreja de origem*” (C 9). Porém, mais que uma questão do lugar é a atitude de como se vive a missão. Não obstante, a missão deve ser realizada por todo batizado, de acordo com a própria realidade e possibilidades, seja como laico ou consagrado(a), tanto através da oração como da ação missionária, a exemplo de Santa Terezinha do Menino Jesus.

Sair do próprio país não é suficiente para viver a missão *ad gentes* e *ad extra*, mas é necessário. Sair fisicamente é o primeiro passo, mas se precisa de uma saída efetiva e afetiva para entrar na cultura do outro, se fazendo hospede na casa do outro. Enfim, hoje, mais que nunca no mundo globalizado, é fácil através do uso das redes sociais sair geograficamente do país e estar virtualmente ligado com as realidades do país de origem. As novas tecnologias são necessárias e uteis, mas não podem as redes ser um limite para a missão, e sim ser usadas como uma força.

PARA REFLETIR

- Qual é o significado da missão *ad gentes*, *ad extra* e *ad vitam* na atualidade?
- Como estamos promovendo a transformação missionária e decolonial da Igreja defendida pelo Papa Francisco?
- Onde os pobres destinatários e protagonistas privilegiados do Reino?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. **Carta Encíclica Spe Salvi**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BEVANS, S.; SCHROEDER, R. **Diálogo Profético**. Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.
- DUPUIS, J. **O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro**. São Paulo: Loyola, 2004.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GEFFRÉ, C. **De Babel a Pentecostes**. São Paulo: Paulus, 2013.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. São Paulo: Loyola, 1991.
- MISSIONÁRIOS XAVERIANOS. **Constituições e Regulamento Geral**. Curitiba, 1982
- MOLTMANN, J. **La Iglesia en la fuerza del Espíritu**. Salamanca, 1978.
- RASCHIETTI, S. O presbítero e a missão. In. **Encontros Teológicos** n. 60 Ano 26 / n. 3 / 2011, p. 9-30.
- SUESS, P. A missão da Igreja no mundo. Repensar fundamentos, heranças e dimensões 30 anos depois do Decreto “Ad gentes”. In. **Vida pastoral**, n. 184, 1995, pp. 9-20.
- VILLASEÑOR LOPEZ, R. A questão Salvífica no paradigma do pluralismo religioso. **Caderno CEMLA**, n. 07, 2020, p. 108-126.

Ad Extra

Saída e Reposicionamento

de Gerardo Custodio López
gerclxx@yahoo.com.mx

RESUMO: Nos últimos Capítulos Gerais dos Missionários Xaverianos (CG), iniciou-se uma reflexão para que as nossas comunidades adquiram um ar de renovação e atualização, diante da situação de migração e globalização que vemos no mundo. Este estudo sobre uma das características que temos, nos ajuda a refinar o conceito de missão ad gentes em relação à nossa saída para outras terras e, assim, tentar ser mais fiéis ao carisma que o nosso Fundador nos deixou. A característica de sair requer de nós, não apenas que saíamos da nossa pátria para a missão, mas também que desenvolvamos uma sensibilidade atenta de abertura para atender às novas realidades que vão aparecendo como desafios no nosso próprio ambiente e campo de missão.

ABSTRACT: Given the current situation of immigration and globalization in the world today, we have stressed in our last General Xaverians Chapters (CG) the need to do a self-analysis so that our communities renew and adapt to this new situation. The study of the ad extra, which is one of the characteristics of the Missionary Congregations, helps us refine the concept of mission ad gentes in relation to our going to foreign lands so that we are more faithful to the charisma left to us by our founder. The characteristic of leaving, requires from us today not just to leave our home countries to go to the mission but to develop an attentive sensitivity of openness so that we can tend to the new realities that challenge our environment and field of mission.

1. A MISSÃO

a) A missão é de Deus

A partir da proposta do Concílio Vaticano II, foram reconhecidas as mudanças de época na vida da Igreja no que diz respeito à missão no mundo moderno. O Vaticano II redescobriu uma nova visão da missão baseada na *Missio Dei*. O Concílio afirmou que “a Igreja peregrina é missionária por natureza” (AG

2). Antes de ser uma tarefa, a missão é uma realidade cuja origem está no amor do Pai, um amor que não pode ser contido, mas flui abundante e generosamente e é concedido a toda a humanidade. A missão, portanto, é uma participação no mistério de Deus (XVICG 32; XVIIICG 13, cf. CEMLA 10, p. 36ss).

b) Visão de São Guido

Para o nosso Fundador, a missão tinha como paradigma a figura de Francisco Xavier que o cativava totalmente e queria dar o nome à família que fundava em sua homenagem, como querendo lhe comunicar o espírito de Francisco no seu desejo de espalhar o Reino pelo mundo. São Guido o propõe como modelo de vida e espiritualidade. Francisco, homem de oração e de grandes desejos, assim como a sua disponibilidade para o serviço, a sua pregação incansável e a sua disponibilidade para partir, saía constantemente, a qualquer momento, para alcançar outras terras pelo Reino de Jesus, até à sua morte. Este anúncio constitui o coração da missão no espírito do nosso Fundador, que desejava, como Francisco, que o dom de Deus chegasse a todos para que pudessem ter vida abundante (cf. CERESOLI; FERRO, Francisco Xavier, 30).

Por isso deixou a sua terra natal, fez longas viagens por terra e mar, e viajou centímetro a centímetro por aldeias incalculáveis para anunciar a boa nova a todos. Perigos de todos os tipos, perseguições, privações, cansaços, inclemência das estações, dores físicas e morais, sempre inflamaram seu zelo em vez de diminuí-lo. Além disso, diante da multiplicação das cruzes, ele repete exultantemente: plura, Domine, plura (Mais, Senhor, mais) (CERESOLI; FERRO, ad extra, n. 5)

O Fundador acrescenta mais três características na preparação para sair em missão:

- **Espírito de fé.** A razão, o ponto de partida, a força do nosso caminho e do nosso objetivo é Jesus Cristo. Com Ele aprendemos a “*ver a Deus, buscar a Deus, amar a Deus em tudo*”. A consagração missionária é uma questão de fé, porque é a regra inabalável que nos permite descobrir o Pai como o primeiro e único, e compreender a sua obra no

mundo para nos permitir viver totalmente ao seu serviço. A fé muda os parâmetros, determina uma nova escala de valores, oferece liberdade, serenidade e plenitude de sentido que, através da profissão dos votos, procura o Reino de Deus e a sua justiça. Esta experiência de Deus é a chave do carisma que o nosso Fundador nos deixou como legado: *“Que as nossas ações exteriores sejam a manifestação da vida interior de Cristo em nós”*.

- **Obediência pronta e generosa.** A obediência é, antes de mais, escutar a Palavra de Deus que nos convoca, nos desafia e nos envia. Seguindo o exemplo de Maria que escuta, que guarda a Palavra de Deus e a vive. Isso leva-nos a um serviço atento e às necessidades dos irmãos.
- **Amor intenso.** Estamos unidos por um objetivo: a evangelização dos não-cristãos. Para isso, consagramo-nos a Deus e reunimo-nos em comunidade. A *“Caritas Christi”*, que nos dirige aos nossos irmãos e irmãs não cristãos, aproxima-nos também como irmãos e irmãs em comunidade.

c) Missão no diálogo

As Constituições, a Regra Geral e a Carta Testamento do Fundador recordam-nos os três pilares do nosso carisma: o **“anúncio”**, como partilhar a alegria do Evangelho com aqueles que ainda não receberam o dom da fé em Jesus. O **“diálogo”**, como compromisso de conhecer e encontrar o outro, cultural e religiosamente diferente, para percorrer juntos os caminhos da história; a **“libertação”**, como promoção humana, sempre ao lado dos pobres, concretizada com os novos paradigmas da amizade social e da ecologia integral. (XVIIIICG 128).

O nosso encontro anterior do CEMLA tratou sobre o *ad gentes*, para sublinhar o tema do diálogo como um ponto chave para o desenvolvimento da nossa missão. É um diálogo profético, com os pobres, em contextos particulares, inter-religiosos, como testemunhas do Evangelho, através da liturgia, da oração e da contemplação, do diálogo inculturado, das migrações e pela

reconciliação, etc. A missão leva-nos a dialogar com o que é diferente do nosso ponto de vista, da nossa formação, da nossa cultura e religião. (cf. CEMLA, Caderno 10, p. 37-40).

d) Descolonização¹

O XV Capítulo Geral disse-nos: *“A presença dos missionários, especialmente os que vêm do mundo ocidental, é hoje vista com desconfiança e com a suspeita de que repita antigos padrões de colonização”* (45). O último capítulo xaveriano acrescenta: passamos de uma missão de apenas *dar* para uma missão de *dar e receber*, liberta de uma mentalidade colonial, clerical e paternalista, marcada ao contrário pela fraternidade universal, aceitação, respeito, amizade, já vivida no interior da comunidade xaveriana intercultural e intergeracional, (cf. CEMLA, Caderno 7).

Que tipo de colonização semeamos que se expressa desta forma? Para citar alguns elementos, menciono o que Anthony Gittins escreve como tendências em nosso trabalho missionário para outras realidades:

Etnocêntrico. Uma atitude bastante comum nos missionários ocidentais é colocar-se no centro de tudo, fazendo crer que eles são os melhores, os corretos, o guia, etc. Ter tido uma educação rígida de uma certa altura leva-nos a crer que a nossa forma de ver o mundo com os nossos valores e crenças é superior à dos povos ou das pessoas com um menor índice de desenvolvimento. Se o missionário não aprender a modificar a sua atitude etnocêntrica, deve regressar à sua pátria.

Ser autossuficiente diante das pessoas que estão na sua própria terra e cultura pode tornar-se um grave insulto. Quem não

¹ Refiro-me aos trabalhos apresentados no Caderno 7 (RASCHIETTI, p. 13-31; LÓPEZ, p. 129-141; CUSTODIO, nota p. 63). Resumindo: a primeira descolonização foi incompleta, pois limitou-se à independência político-jurídica das nações conquistadas. Em vez disso, a segunda descolonização, que é chamada de descolonização, terá que abordar as diferentes inter-relações raciais, étnicas, sexuais, epistemológicas, económicas e de género que a primeira descolonização deixou intactas. Hoje, é necessária um processo decolonial para complementar a descolonização anterior.

quer aprender é uma vergonha. Somos testemunhas disso, nós que por anos temos vivido no exterior. Como missionários, às vezes comparamos, criticamos e julgamos os outros com a certeza de que temos as respostas mais adequadas à situação local.

Observador pessimista. Um pessimista afirma que é impossível conhecer e entender pessoas de outra raça, cultura ou nação. A atitude de muitos missionários é ficar com as suas ideias e aplicá-las de acordo com a sua maneira de ver, sem pedir nada aos outros. Ele não acha necessário entrar no mundo do outro. Lembro-me de um colega me dizer: *“Não sei porque é que tens de pedir opiniões a estas pessoas que não entendem ... Decidam agora e façam o que precisa ser feito.”* O que deve ser feito de acordo com quem? Mas também é verdade que há coisas que nunca seremos capazes de compreender sobre outras culturas e permaneceremos sempre nessa terra como simples observadores.

Participante ativo. O nosso princípio deve ser *“desaprender para aprender”*. Esta é a atitude colaborativa que enriquece a cultura local do lugar. Não é fácil para o missionário chegar e conseguir entender tudo. Ele pode ser um dom, uma graça para enriquecer a cultura com a sua contribuição de conhecimento e a sua preparação. O missionário, se quiser “fazer missão” tem que se envolver com o fato cultural, que é onde está o maior desafio, porque é um mundo com pontos de vista diferentes do próprio.

Há aqueles que não conseguem aprender a língua local para se expressar com clareza, bem como aqueles que não valorizam seus costumes, tradições, estilo de vida, não vivem ou se misturam com o povo. Ser demasiado independente, isolado e não vulnerável é fechar-se à partilha, ao dar e ao receber, ao enriquecer e ao ser enriquecido pelos outros. O missionário sabe que precisa de pessoas, em quase todos os sentidos. A possibilidade fica aberta para progredir na compreensão de outra cultura; de criar laços de união; de entrar e participar; de ser um dom que constrói e colabora (cf. GITTINS, 2-5).

2. AD EXTRA

Ad extra é uma expressão que dom Conforti desconhece. No entanto, o nome da obra missionária que fundou inclui termos “Missões Estrangeiras”. O termo *ad extra* vem do latim e está relacionado ao sair, ir para fora da própria pátria, cultura e Igreja de origem. O trinômio “*ad extra, ad gentes, ad vitam*” são expressões elaboradas pelo Magistério da Igreja e introduzidas nas Congregações Missionárias. Hoje, essas modalidades precisam ser refletidas dentro do contexto atual e de cada Congregação. Para nós, Xaverianos, o trinômio foi a base de reflexão para a preparação do último Capítulo Geral de 2023, através de fichas de consulta a fim de atualizar nosso carisma missionário.

O *ad extra* é um êxodo para o outro, atravessando fronteiras geográficas, culturais e religiosas, construindo pontes sobre valas geracionais, esforçando-se por ser sinal do caminho de Deus para todos os povos e do caminho dos povos para Deus. O *ad extra* é também um estado de conversão pessoal e comunitária, psicológica, moral e espiritual, que se revela na disposição para o “deslocamento” cultural, linguístico e geográfico. No entanto, sem esta capacidade de deslocamento interior que abre o coração ao encontro com o outro, deixando a própria terra, a própria cultura, a própria língua, constituiriam apenas uma realização incompleta da vocação xaveriana (XVIIIICG 16-17).

a) Na Bíblia

A Escritura apresenta-nos muitos exemplos de como Deus nos convida a sair da terra e do seu ambiente natural. “O Senhor disse a Abraão: ‘Sai da tua terra natal e da casa do teu pai, para a terra que eu te mostrar.’” Abraão aceitou o apelo para partir: “Deixou a sua terra, a sua parentela, a casa dos seus pais, para um lugar” que o Senhor se compromete a mostrar (cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu o apelo de Deus: “Vai, eu te enviarei” (Ex 3,10), e enviou o povo para fora (cf. Ex 3,17). A Jeremias disse: “Onde vos enviar, irás” (Jr 1,7). É a saída que Deus quer provocar nos crentes. (cf. EG 20-24).

O paradigma mais radical é o de Jonas: é preciso ser atirado ao mar, perder toda a segurança, enfrentar o caos e os poderes destrutivos da morte, para ser regenerado pelas águas, depois de nadar na escuridão dentro da barriga do misterioso peixe. É uma alusão a dizer daqueles que vêm enfrentar o processo arriscado, sofrido e doloroso daqueles que querem iniciar um verdadeiro diálogo com um novo povo a quem se sentem enviados... e no meio do qual, encontra a Aquele que já está lá, que o espera com outro rosto. Assim, aqueles que vieram ensinar começam a sentir-se aprendizes nos caminhos da graça do evangelho, da Boa Nova.

Biblicamente falando, o hospede, estrangeiro, forasteiro ou estranho a uma cultura, era alguém que não era membro da tribo, e como um “forasteiro”, era visto como inimigo em potencial. As pessoas escolhidas não permitiram que a sua identidade fosse contaminada pelas crenças, costumes ou condutas alheias. Embora a hospitalidade fosse uma virtude importante e sinal de um coração magnânimo, quando alguém era autorizado a entrar no lar, na comunidade, essa pessoa adquiria o direito de ser respeitada.

Os patriarcas saíram e adaptaram-se a novas realidades, como Abraão no Egito (Gn 12,10; 17,8; 20,1), Moisés em Midiã (Ex 2,22), Ló em Sídon (Gn 19,9). Como estrangeiros, não podiam exigir certos direitos. Eles tiveram a experiência de passar por hospedes em uma terra estranha. Embora pudessem progredir no seu trabalho e adquirir um certo *status*, nunca seriam vistos como verdadeiros irmãos da raça.

Nós, quando chegamos em terra de missão, teríamos que respeitar mais, com atitudes de “obediência” aos donos do lugar (cf. QAm 26). Somos missionários *ad extra*, e se quisermos nos contextualizar dentro de uma cultura diferente da nossa, então provavelmente precisamos aprender a ser estranhos em uma terra estrangeira. Além disso, podemos aprender a ser sensíveis aos sentimentos, necessidades e direitos dos outros, bem como ter que resistir a sentimentos de isolamento, solidão, choque cultural, não adaptação ... que tudo seja motivo para encontrar na oração e na meditação o caminho do Senhor (cf. GITTINS, 128-130).

Hoje, neste “ide” de Jesus, estão presentes os desafios sempre novos da missão da Igreja, e todo cristão é chamado a essa nova “saída” missionária: sair da própria zona de conforto e ousar chegar a todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho.

b) Hospede, estranho, forasteiro

Cada cultura constrói “*o seu mundo dando-lhe um significado particular*”, pelo que, ao deparar-se com um mundo distante, quem decide o que é ou não estranho ao senso comum? Com certeza não são os missionários estrangeiros que o fazem, porque não estão em condições de fazê-lo em relação à cultura na qual chegam. Para quem está fora do contexto, muitas vezes pode falar e falar sem “*tocar o coração das pessoas*”, por isso é necessário abster-se de fazer julgamentos, especialmente negativos, porque nos faltam fundamentos e podem passar anos sem entender o que é significativo para a cultura local.

Acontece que as pessoas são obrigadas a mudar as suas atitudes, os seus hábitos, e por vezes de forma inadequada, acompanhadas por uma certa força moral. Nunca poderemos ser eficazes no anúncio para alcançar o seu mundo de crenças profundas, mas apenas com paciência, entrando nos “*seus mundos de significados*” aos poucos, sempre numa atitude humilde, porque, afinal, seremos sempre hóspedes, estranhos, sem raízes profundas no ambiente (cf. GITTINS, 6-7).

c) Recreação

O ser humano, no seu processo de amadurecimento, depende da sua relação com os outros, porque não pode, por si só, modificar o seu ambiente, criar uma linguagem ou implantar um sistema de valores. O mundo existe antes de nós e nascemos dentro do que os outros já iniciaram e nos foi herdado. Nós apenas “absorvemos” o que está aí, como esponjas. Por outro lado, cada um amadurece e desenvolve algo muito pessoal como o desenvolvimento dos sentimentos, da sensibilidade, etc., que vai marcar a forma como nos relacionamos uns com os outros e a capacidade de ver e compreender a realidade.

Há grupos e sociedades que são bastante abertas, como também há fortes cadeados que não se abrem. Chegar a um grupo distinto, onde as barreiras são fortes e não permitem um diálogo aberto, a questão da evangelização é um verdadeiro trabalho de paciência e perseverança. Não podemos imaginar as implicações que podemos criar quando carregamos nossos códigos de crenças e nos aferramos a transmiti-las como únicos e válidos. Somos nós que invadimos o seu ambiente já estabelecido, por isso devemos preparar-nos para dialogar, aceitar, fazer acordos, procurar o bem comum, etc., este é o desafio que nos é apresentado como missionários que saímos para levar o anúncio de Jesus. Somos nós que saímos *ad extra* para propor, por isso cabe-nos primeiro prepararmos com uma atitude de diálogo com o outro. (cf. GITTINS, 32-33).

d) Dar e receber

Ignacio Falgueras, baseado em Santo Agostinho e Leonardo Polo diz que:

A dimensão transcendental do ser humano equivale à dádiva. “Ninguém dá o que não tem”, diz o velho ditado, mas, diz Polo, é muito pouco; ninguém dá se não for uma dádiva, se não for intimidade. Se na realidade causal não é possível dar sem um ‘ter’ prévio, na atividade pessoal transcendental – e, principalmente, na Pessoa Divina – a doação é da ordem do ser: “dar deve ser, antes de mais, a mais pura, mais elevada e mais digna de todas” e, como em Deus, “dar será também a mais elevada das criaturas. Ser é dar. Só as pessoas podem dar. A doação é a atividade própria de Deus” (SOŁOMIEWICZ, p. 125-127).

Quando o missionário deixa o seu ambiente e se integra num outro, deve ter consciência de que a sua relação vai ser de aportar e receber, de dar parte de si e de se deixar completar pelas pessoas que vai servir. O missionário não pode pensar levemente que tudo o que d’Ele sair é positivo e bom, por vezes subestimando a riqueza que os outros podem lhe brindar (cf. GITTINS, 84-85).

O intercâmbio é de dar e receber na evangelização, longe de ser uma ação mecânica de bens e serviços, é considerada como um padrão de conduta que contém valores profundos. O intercâmbio

cria e mantém relações entre indivíduos e sociedades. O missionário chega ser na nova cultura como um dom, ou seja, num sentido real, o que ele oferece é uma extensão de si mesmo, o seu serviço incorpora algo da sua própria personalidade, da essência espiritual que deseja transmitir. Portanto, há a obrigação de dar, a obrigação de receber e a obrigação de retribuir novamente, criando uma corrente de mútuo enriquecimento (cf. GITTINS, 92).

Nas sociedades ocidentais, o individualismo leva a pessoa a se isolar, a ser “independente”, a não sentir necessidade do outro, mas com enormes consequências de solidão, isolamento e suicídios. O missionário deve ser um exemplo de entrega, doação, abertura e relacionamento mútuo. O contrário é uma atitude anti-evangélica que, em vez de construir, será sinal de tropeço. Estar aberto para receber, também é uma obrigação.

e) Jesus missionário

Baseado no hino aos Filipenses, Jesus não veio com os privilégios que lhe pertenciam como Deus, desempenhando o papel de Senhor e Salvador, mas como servo. Ele não exigiu suas prerrogativas divinas, mas esvaziou-se para se tornar escravo, como um de nossa condição (Fl 2,6-7).

A condição de escravo é semelhante à do estrangeiro que chega a outra terra, pois espera que sua identidade seja reconhecida, bem como as funções a serem realizadas. Jesus, se tivesse vindo como um senhor poderoso, de alto *status*, como uma figura imponente, insistindo na sua origem divina e na dignidade da sua missão, como teria sido a sua aproximação e relação com as pessoas? Qual houvesse sido o impacto da sua mensagem?

Jesus não tinha um lugar próprio *para encostar a cabeça* (Mt 8,20). Sua vida era de baixa condição social, filho de um carpinteiro, não vinha de uma família de ascendência na sociedade. Isso foi sublinhado quando alguns pediram para se juntar ao seu grupo. Isto causou uma grande impressão em seus seguidores e seguidoras ... e em nós mesmos. Essa foi a sua forma de encarar a vida humana, porque nem sempre foi bem recebido e aceito.

A sua atitude foi de abertura, de compreensão, de estar atento a ver a realidade para a resolver na perspectiva do Reino, como a misericórdia no caso da adúltera, acusada em público pleno. Ele não a julgou a partir de um código de leis, mas de uma realidade muito concreta da vida. E assim os distintos casos de pessoas do “nível social mais baixo”, ou de compaixão pelos “professores” que não conseguiam ver e entender de outro ângulo. Jesus deixou-se tocar pelo coração, aprendeu com a fé dos simples, dos pobres, dos doentes, dos desamparados, e com a fé do centurião romano. Deixou-se ungir pela mulher apontada como pecadora. Jesus não só procurou estas pessoas, mas também mudou as suas vidas, compreendendo a partir do seu nível, a necessidade de ter uma vida mais digna e como elas eram importantes para Deus. Ele confia a sua missão a estas pessoas, para que sejam testemunhas do mundo. É mais do que claro que Jesus não buscou *status* ou reputação das pessoas que o seguiam, porque elas não tinham nada a lhe oferecer.

Quem é este homem? Alguma coisa boa pode sair dessa terra? De onde vem?

- Jesus percorreu os povos, ouviu, recebeu, partilhou, adaptou-se, alegrava-se, chorava, pedia e dava conselhos.
- Doou-se, partilhou o seu tempo, a sua energia, a sua presença, a sua oração, os seus sofrimentos ... Realmente soube contextualizar sua pessoa no ambiente em que vivia, ou seja, se encarnou na realidade.
- Jesus estava bem “plantado”, tanto psicológica como espiritualmente, para poder procurar respostas para a necessidade de estar só, na oração, na companhia, na consolação, não se consumia em um zelo ou cólera extremista, mas costumava retirar-se, ir ao monte, se encontrar com o Pai, encontrar a paz.
- Jesus identificou-se e trabalhou com o seu meio, escolheu pessoas para a missão, formou-as, teve piedade dos “infelizes”, dos que caíram no caminho ...
- Jesus superava os obstáculos culturais, as formas linguísticas de comunicação, criava parábolas, histórias, pregações, formas de entreter as multidões, fazia-se entender, exigia, dialogava, questionava (cf. GITTINS, 134-136).

f) O missionário *Ad Extra*

Por causa da nossa formação e da maneira como o Fundador nos quis família, sair e chegar a outro país, aparentemente não somos recebidos como estranhos na comunidade xaveriana aonde chegamos. Mas há no recém-chegado uma sensação de ser alheio e de desconforto com o que está à sua frente: uma realidade que se impõe, uma sensação de estar fora do seu “mundo”.

É difícil assimilar a experiência de ser um estranho na nova realidade, porque somos desconhecidos, aprendizes e em processo de integração. Certamente não pedimos permissão para entrar na vida das pessoas, seus sentimentos, necessidades e direitos. Nossas primeiras palavras podem ser hesitantes, mostrando que estamos vivendo na “síndrome do outsider”. Essa experiência pode nos aproximar da compreensão da situação daqueles que vivem nas ruas, na pobreza, no abandono, em desvantagens, como os migrantes. Mas lá dentro sabemos que temos recursos para superar porque há uma comunidade, uma preparação pessoal, mais meios a disposição para ir adiante.

Não é fácil levar o rótulo de estranho e forasteiro com você para o lugar do destino: como missionários devemos vê-lo como parte do processo de “encarnação”. Não podemos exigir respeito e acolhimento se não fizermos o mesmo com as pessoas, quando, mesmo inconscientemente, queremos ser tratados de forma diferente por quem somos, pelo que defendemos ou pelo que fingimos ser: superiores. É necessário que todo missionário, trabalhe nesta parte em nós. Somos simplesmente colaboradores, servidores, irmãos. O principal agente da obra não somos nós, é o Espírito Santo.

Quando o missionário aceita o seu novo *status*, aprendendo aos poucos, encarnando na sua nova realidade como alguém que procura fazer parte deles, iniciou o caminho certo, no apelo de Deus, abraçando com afeto tudo o que aparece, escolhendo caminhar como discípulo daquele que se encarnou plenamente na humanidade (cf. GITTINS, 131-132).

Para nós, missionários, *ad extra* com toda a nossa preparação e racionalização que fazemos em nossos discursos, por causa da educação e orientação que damos, se não alcançarmos o coração de Jesus e seu modo de alcançar as pessoas, especialmente em terras onde somos hóspedes, não traremos o espírito do evangelho para essa realidade, nem ofereceremos respostas apropriadas às necessidades atuais que eles pedem para encontrar Deus.

g) Documentos xaverianos

O XV Capítulo Geral sobre o diálogo intercultural e inter-religioso disse:

O xaveriano sente-se à vontade com todos, em todos os momentos e lugares, e não incomoda ninguém. Aprecia as culturas e tradições dos povos onde está e estuda a língua em profundidade. Num uma época em que o diálogo se tornou um dos pontos vitais do nosso serviço ao Reino, firme na sua fé, deixa-se interpelar pelas culturas e pelas religiões para discernir e acolher as sementes da Palavra (XVCG 28)

O nosso hoje da missão diz: este processo de transformação não é espontâneo e indolor, porque a “renovação da missão exige a renovação da vida” (XIVCG 22). Muitos xaverianos parecem não perceber a necessidade de mudar o antigo estilo missionário e continuar como se nada tivesse mudado. Outros o percebem, mas o consideram difícil, devido à formação recebida e ao avanço da idade. Outros ainda afirmam, no plano teórico, a necessidade de renovação da missão, mas não a traduzem coerentemente na vida (XVCG 47).

Compreendemos que hoje não há futuro para uma missão unidirecional, que procura automaticamente se aproximar aos não-cristãos, oferecendo-lhes “fé e civilização”. O xaveriano deve respeitar a cultura e as tradições religiosas com as quais quer partilhar a sua experiência de fé (2Cor 1,3). Convencido de que a missão tem uma dimensão de reciprocidade, procurará uma comunicação autêntica com o seu povo, o que requer conhecimento da língua local e respeito pela cultura. Pela mesma razão, se absterá também de juízos e preconceitos sobre aqueles a quem é enviado (XVCG 51).

Resistência ao anúncio ad extra

Observa-se um certo grau de resistência em alguns à dimensão ad extra do carisma xaveriano; estes confrades sustentam que a missão ad gentes também pode ser realizada no seu próprio país de origem e cultura, devido à presença de não-cristãos em todos os contextos geográficos (XVIGC 23).

Envio e saída

Seguir Jesus, que é salvação ... coloca-nos num caminho comum com todos os povos (cf. Constituições 8), em constante êxodo e recomeço, êxodo pascal de morte e ressurreição (cf. RMX 12,2). O discipulado convida-nos a sair de nós mesmos e a deixar a nossa própria família e pátria ... marcada pela itinerância, pelo desapego, pelo temporário, pela fraqueza e pelo envio. Portanto, o discípulo missionário não cria raízes em lugar nenhum, ele é um itinerante. Lhe é pedido que aprenda ... a estar próximo dos outros, à entrega de si e à gratidão absoluta. (XVICG 36).

Ad extra

Vivemos o “primeiro anúncio” ad extra: a dinâmica da missão implica um sair e um êxodo. Somos enviados para fora do nosso próprio ambiente, cultura e Igreja (cf. Constituições 9) para vivermos como hóspedes de outros povos. Vivemos o nosso ser estrangeiro como “característica fundamental e essencial da nossa vocação” (RMX 12), pois o “primeiro anúncio” exige uma abertura radical à novidade e a rejeição de qualquer forma de autorreferência. Jesus viveu a sua missão de estrangeiro porque “o seu próprio povo não O aceitou” (Jo 1,11) e enviou os seus discípulos como estranhos (Mt 28,19). Por isso, através da nossa animação vocacional missionária, exortamos as Igrejas locais a se abrirem e a saírem pelo mundo, estendendo o seu amor até os confins da terra: sem este movimento, a graça da renovação nas comunidades cristãs seria ineficaz (cf. AG 37). (XVICG 54).

Fichas para o XVIII CG

Para nós, o ad extra é mais um consecutivo esclarecimento do ad gentes. Este é o princípio missionário da saída, claramente expresso em nossas Constituições. O alcance geográfico não é um fim em si mesmo, mas visa promover a causa missionária (RMX 12). É certo que o fato do ad gentes poder ser encontrado em toda a parte

não afeta a validade fundamental do ad extra. De fato, o anúncio extra coloca-nos numa dimensão de “itinerância” não só na dimensão geográfica, mas também no sentido de maior liberdade, disponibilidade e até pobreza. ‘Itinerante’ significa ‘estar em movimento’, a capacidade de não se concentrar em um único serviço ou setor de atividade na congregação. O ad extra contém uma ligação profunda com o mistério da Encarnação (movimento de saída de Deus, em Cristo, para o mundo) e com o mistério pascal (passagem da morte à ressurreição ...) (cf. RMX 12). O anúncio ad extra também interpreta a expressão “reposicionamento”, que foi mencionada numa carta da Direção-geral intitulada: envolvidos no “sonho” de Conforti, o primeiro anúncio “nos reposiciona” a todos. (Preparando o XVIIIICG – Ficha n. 3 – novembro 2022).

CONCLUSÃO

A tentativa de aprofundar este tema *ad extra* leva-nos a analisar as transformações que o mundo vive hoje e, conseqüentemente, a forma como desempenhamos a nossa missão *ad gentes*. Isso está provocando incertezas e divergências na adaptação do nosso carisma, mas também vemos a disponibilidade de viver o *ad extra*, aberto à missão.

Este esforço de compreender o alcance do *ad gentes* no contexto atual está nos fazendo refletir sobre o “reposicionamento”, isto é, tomar decisões que nos ajustem à realidade de acordo com a capacidade que temos como Congregação. Tendo compreendido a missão *ad gentes* da mesma maneira durante anos, é agora difícil para nós encontrar novas maneiras de ser fiéis ao pensamento dos Conforti. Ele nos queria na China, mas depois partimos para viver e explorar em outros lugares, que nos acolheram e nos adotaram como parte do sonho xaveriano. Hoje é tempo de nos renovarmos, mesmo que não vejamos um sinal claro das decisões a tomar. Este último capítulo geral oferece-nos algumas pistas ou desafios que podemos ter em conta.

Como Conforti aponta, o *ad extra* é, acima de tudo, o caminho para triunfar sobre si mesmo, e reconhecer no outro o irmão, a irmã.

Por isso, ao missionário que parte para terras longínquas para anunciar a Boa Nova não é dado outro instrumento senão o crucifixo, porque Ele possui o poder de Deus e, através dele, triunfará em tudo e sobre todos, depois de ter triunfado sobre si mesmo. (CERESOLI; FERRO, ad extra, 8).

PARA REFLETIR

- De que forma o *ad extra* qualifica a missão *ad gentes*?
- O que você acha de um anúncio *ad extra* de nossos esquemas mentais que não se abrem?
- Considera que, num ambiente formativo, é importante formar para o diálogo e para o trabalho em equipe, como forma adequada de dar espaço a outras opiniões ou às sugestões dos outros?

SIGLAS

AG	Ad Gentes
C	Constituições Xaverianas
CG	Capítulo Geral
EG	Evangelii Gaudium
RMX	Ratio Missionis Xaveriana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERESOLI, A.; FERRO, E. **Antología de los escritos de Guido M. Conforti**. Guadalajara: Edixa, 2011.

GITTINS, Anthony. **Gifts and strangers, meeting the challenge in-culturation**. Nova Iorque, NJ: Paulist Press, 1989.

SOŁOMIEWICZ, Adam. A Filosofia del dar divino ad intra e ad extra segundo Ignacio Falgueras. **Revista Interdisciplinar de Filosofia**. Málaga, vol. XXVI nº 1 (2021), pp. 123-137. ISSN: 1136-4076

VALDAVIDA, José. **Actividad misionera**. Diccionario de Misionología y Animación Misionera. Monte Carmelo de Burgos.

ALÉM DA *MISSIO AD EXTRA*

Cruzar fronteiras, habitar periferias, abrir caminhos

de Estêvão Raschiatti
rasquio@yahoo.com.br

RESUMO: A missão ad extra é colocada muitas vezes em xeque por atuações renunciatórias, ambíguas ou protocolares. No entanto, ela deveria representar um desafio permanente de sair de própria identidade cultural, sem se restringir apenas a uma viagem entre territórios geográficos. As fronteiras hoje são múltiplas, invisíveis e excludentes, se entrepondo a realidades humanamente extremas dentro de contextos socioculturais aparentemente homogêneos. Uma missão ad extra hoje aponta muito mais à necessidade de cruzar as fronteiras do conformismo e da acomodação, convocando as missionárias e os missionários a habitar as periferias existenciais, para abrir caminhos de solidariedade e esperança com um “coração sem fronteiras capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião” (FT 3).

ABSTRACT: Mission ad extra is often put in check by renunciatory, ambiguous or protocol actions. However, it should represent a permanent challenge of leaving one's own cultural identity, without being restricted to just a journey between geographical territories. Borders today are multiple, invisible and exclusionary, interposed with humanly extreme realities within apparently homogeneous socio-cultural contexts. A mission ad extra today points much more to the need to cross the boundaries of conformism and accommodation, calling missionaries to inhabit the existential peripheries, to open paths of solidarity and hope with a “openness of heart, which knew no bounds and transcended differences of origin, nationality, color or religion” (FT 3).

Missio ad extra é uma daquelas expressões consagradas relacionadas à *missio ad gentes* (RMX 12), em sua concepção originária da cristandade, que aponta para o “*princípio missionário de saída*”, “*fora do nosso ambiente, cultura e igreja de origem*” (C 9). Caracteriza também uma determinada orientação dos institutos missionários em ordem à assim-chamada “primeira evangelização”. *Ad extra* não deveria designar apenas um movimento

geográfico, mas também um movimento interior, um “*êxodo espiritual, cultural, afetivo*” que leva o/a missionário/a a se tornar “*estrangeiro, hospede junto a outros povos*” (RMX 12.2).

Sem dúvida, esse elemento genuinamente evangélico, constitui algo convergente, e ao mesmo tempo muito peculiar, ao princípio da “*Igreja em saída*” do Papa Francisco, dirigido a toda Igreja “*por sua natureza missionária*” (AG 2), de portas abertas (EG 46), chamada a tomar iniciativa de ir ao encontro de todos (EG 24), pois

a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal: seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho (DAp 380).

Ao mesmo tempo, a tensão *ad extra* evoca necessariamente o seu correspondente *ad intra* na centralidade de Cristo para cada chamado missionário (ECHARTE, 2006, p. 79). Com efeito, Francisco lembra que o discípulo missionário é um “*descentrado*” pois o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia (FRANCISCO, 2013). Essa saída é uma partida de si e ao mesmo tempo uma opção radical de fé e de seguimento de Jesus, que nos convida encontrá-lo nos pobres (DAp 257) e nos outros (EG 272), numa comunhão itinerante com ele (EG 23) e na cooperação com a Sua missão (EG 12).

E aqui podemos já configurar um primeiro critério de discernimento sobre a validade, o sentido e a atualidade da *missio ad extra* hoje, uma espécie de “*profunda lei da realidade*” (DAp 359.360): não se sustenta nenhum *ad extra* sem um *ad intra*, assim como não há missão sem discipulado e vice-versa.

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA

Esse critério, dado apressadamente como óbvio, é de fato questionado não no seu fundamento, mas elegantemente e lateralmente em suas implicações existenciais. Demasiadas vezes a *missio ad extra* é postergada, relativizada ou ressignificada pelos

consagrados/as, particularmente das jovens gerações – mas não somente – com quaisquer desculpas ou motivação muito bem pensada. Será que isso é um indício de uma “*crise de fé*” (RMi 2), ou melhor, de uma falta de “*maturidade da fé*” (RMi 50) habilmente maquiada por “*um mundanismo espiritual que se esconde por detrás de aparências de religiosidade*” (EG 93)? O fenômeno me parece bastante evidente.

Normalmente, a tríade integrista “Deus, Pátria, Família” serve como base para esquivar-se do compromisso do envio além-fronteiras, circunstância sempre mais frequente e, ao que parece, aceita com naturalidade por parte das instituições missionárias, apesar da retórica de seus representantes. A busca por uma segurança afetiva no clá, o anseio por um ambiente identitário onde administrar facilmente as relações e a aspiração pela gestão clerical do sagrado, são de fato elementos ou tentações que impedem de viver evangelicamente um processo de saída. Pode-se admitir que necessitamos também de pontos de referência desse tipo, com algumas reservas pelo último, mas nada deveria tornar inviável ou insignificante o envio missionário *ad extra*. Infelizmente, porém, na América Latina, a tríade “Deus, Pátria, Família” representa o primeiro grande empecilho que inibe uma entrega generosa à missão em outros países e continentes.

Contudo, essa não é a única ocorrência que podemos enxergar. Há paradoxalmente uma maneira de se projetar *ad extra* para buscar principalmente vantagens pessoais que não se encontram na própria Pátria e Família. Eis então que há centenas de missionários/as, particularmente da África e da Ásia – mas não somente – para os quais o *ad extra* significa um salvo-conduto para migrar e procurar um bem-estar que por outros caminhos não seria alcançável. Procura-se lugares e condições que garantam um certo conforto, longe dos pobres e das periferias, mas com pinta de estar fora do próprio ambiente, cultura e igreja de origem. Desta maneira, as instituições missionárias se prestam ao papel de agências de recolocação, tentando certamente perseguir seus objetivos, mas percebendo depois de não muito tempo, as intenções espúrias de uma parte significativa de seus afilhados.

Enfim, há a maneira mais clássica de descaracterizar a *missio ad extra*, que é também a mais oculta e sombria. O missionário, particularmente europeu da velha guarda – mas não somente – se reveste de uma áurea de herói para atravessar os mares e salvar as almas, os pagãos, os pobres, os deserdados. Ele *sai* de sua Pátria para “conquistar”, e assim “expandir” os confins de seu próprio desejo e universo identitário. Trata-se da missão colonial, que representa uma saída apenas geográfica, mas não um êxodo interior: jamais o missionário desse matiz coloca em discussão sua maneira de pensar, sua superioridade, seu jeito ser. Aonde ele for, vai afirmar a si mesmo, sua cosmovisão, seu Deus, sua Pátria, sua Família, enaltecendo suas origens e, não raramente, desprestigiando o povo que o hospeda.

Essas três situações, nos sugerem que a expressão *missio ad extra*, assim como a *missio ad gentes*, pode ser desvirtuada, tornando-se um chavão vazio de sentido, se não for conjugado com uma avaliação articulada e correlata que lhe permita ganhar espessura de significado, relevância e entendimento. Desta maneira, é preciso sim adotar uma perspectiva missiológica que procura ir além e a fundo da definição de *missio ad extra*.

NUNCA FOI FÁCIL SAIR

Evidentemente, sair do próprio mundo nunca foi fácil para ninguém e nem tão espontâneo como podemos acreditar. A parábola da primeira comunidade apostólica pode ser uma testemunha confiável e paradigmática disso que estamos tratando. Com efeito, a saída dos discípulos do Ressuscitado do âmbito judaico, de suas perspectivas, de suas expectativas e de seus horizontes, foi algo de dramático, sofrido, inesperado e, no final, surpreendente.

Lucas¹, terminando o seu Evangelho e começando o seu segundo livro, retrata uma comunidade perfeitamente acomodo-

¹ A perspectiva desse autor é a que particularmente enfatiza a passagem dramática da comunidade dos discípulos do mundo judaico ao mundo helenista. Já outros autores do segundo testamento, tomam outras direções e desenvolvem outras narrativas teológicas.

dada dentro das estruturas religiosas de seu tempo, as mesmas que tinham colocado a morte Jesus, sem qualquer indício de crise ou de possibilidade de ruptura. De fato, depois da aparição do Ressuscitado, os discípulos *“voltaram a Jerusalém com grande alegria e estavam continuamente no templo louvando a Deus”* (Lc 24,52-53). E após o Senhor ter-lhes falado sobre o Reino durante quarenta dias, ainda perguntaram: *“é agora o tempo em que irás restaurar o Reino de Israel?”* (At 1,6).

Nem a descida do Espírito Santo e nem o duro confronto com o Sinédrio levaram o grupo do *Nazoreu* a se distanciar de suas matrizes identitárias: muito pelo contrário, o ideal que alimentava suas esperanças foi sempre o de um Israel reconstituído e renovado em sua totalidade, onde não havia em si lugar para os pagãos. Mas aos poucos, foram abandonando essa perspectiva ao passo que o Espírito orientara a comunidade apostólica em direção dos outros. A narração de Lucas mostra como os caminhos se abriram a começar da perseguição contra os judeus de origem grega (At 8,1), por meio de encontros ocasionais com samaritanas, com os tementes a Deus e, enfim, com não-judeus.

Essa jornada procedeu de maneira dramática entre erros e acertos, conflitos e acordos, avanços e recuos. O embate entre a visão paulina e a patrulha dos zeladores da Lei que tinham abraçado a fé (At 21,20), chegou a níveis extremamente agressivos. Foi difícil e doloroso *sair* para partilhar a mesma fé num ambiente intercultural, repleto de inevitáveis hostilidades, desavenças, antagonismos, que obrigava a abrir mão das dimensões mais sagradas da própria tradição.

Os Atos dos Apóstolos contam uma história que poderia ter como epígrafe a paráfrase de Mt 16,25: *“quem quiser salvar sua identidade cultural, vai perdê-la; e quem quiser perder sua identidade cultural por causa de mim, a encontrará”*. O processo *ad extra* conduziu de fato a primeira comunidade cristã a um câmbio paradigmático e a um trânsito epocal de uma fé de matriz judaica para uma fé processada na cultura helenista.

O evangelista Lucas acredita essa passagem à ação do Espí-

rito, enquanto os discípulos cumprem o papel de testemunhas chamados a conferir o que vai acontecendo (Lc 24,48; At 1,8). Assim Pedro é chamado a atestar a descida do Espírito sobre os pagãos: *“apenas começara eu a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, assim como nós no princípio (...) Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para impedir a Deus de agir?”* (At 11,15-17).

Desta maneira, sempre segundo a perspectiva lucana, é o Espírito que literalmente empurra a comunidade discipular para fora: não foi uma iniciativa espontânea, nem nasceu de um desejo de expansão e de proselitismo, mas surgiu de uma atitude de escuta, docilidade e percepção da irrupção de Deus no meio dos outros que gerou abertura, reconhecimento e acolhida.

CRUZAR AS PRÓPRIAS FRONTEIRAS

O que nos aponta essa narração dos Atos dos Apóstolos é o significado e a relevância do percurso da comunidade primitiva de Jerusalém “até os confins da terra”, até compreender que os “outros” – os pobres considerados “pecadores”, os samaritanos considerados “impuros”, os tementes a Deus considerados “impedidos”, os pagãos considerados “idólatras” – pudessem ser também merecedores das promessas de Deus ao seu povo, sem se converter ao judaísmo.

Foi um caminho de aprendizagem, iniciado com o seguimento do Mestre e continuado depois da ressurreição do Senhor. Uma missão universal às nações *ad extra* não foi contemplada pelo ministério de Jesus de Nazaré: ele não deu nenhuma indicação de como deveria ser realizada e nem quem deveria realizá-la. Os envios missionários no final dos Evangelhos sinóticos, fazem parte das narrações das aparições de Jesus ressuscitado: *“Jesus na realidade não foi o primeiro missionário para os gentios (...) a conexão entre o ministério de Jesus e a atividade missionária pós-pascal da Igreja é mais sutil, mais evolucionária, mais enraizada na dinâmica da história”* (SENIOR; STUHLMUELLER, 1987, p. 190).

Com efeito, se Jesus foi o catalizador que causou o início da consciência missionária da igreja primitiva, modelando sua mensagem baseada no anúncio do Reino de Deus e na compaixão para com *todos* os pobres (Lc 4,26; 6,20), os pecadores (Jo 8,11), os enfermos (Mt 11,5), as prostitutas (Lc 7,37), os excluídos (Mc 1,41), os inimigos (Mt 5,44), os pagãos (Mt 8,10; 15,21-28), por outro lado a hesitação da comunidade apostólica em se abrir aos gentios denunciava o fato de que os discípulos não estavam suficientemente – ou por nada – preparados para essa tarefa.

Tiveram que *aprender* a empreender uma nova jornada, não sabendo exatamente onde ia parar: tiveram de cruzar suas fronteiras (*ad gentes*), para aprender a desaprender uma maneira de se dirigir aos outros (*contra gentes*) e reaprender novamente a relevância da mensagem de Jesus, ressignificada à luz do encontro com os outros (*inter gentes*).

Desta maneira os confins da terra se apresentaram diante deles como fronteiras a serem cruzadas, como limiares entre o mundo deles e o mundo dos outros, como linhas identitárias de demarcação, de definição e de separação que se tornaram *entrelugares* para costurar vínculos, enxergar possibilidades, criar oportunidades, adquirir conhecimentos, fomentar diálogos, ocasionar convivências, provocar mudanças profundas de mentalidade. As fronteiras apresentam-se sempre em suas ambivalências entre a tutela da própria identidade/pertença e a abertura à alteridade/diferença em suas múltiplas matrizes linguísticas, culturais, sociais, religiosas, políticas, econômicas, ideológicas. Nas fronteiras forças centrípetas e forças centrífugas se alternam entre medos e destemores, prudências e ousadias, retrancas e alavancas.

No entanto, há um aspecto sombrio quando passamos a considerar a natureza das fronteiras geopolíticas do *mapa-múndi* contemporâneo, que costuram a concha de retalhos arlequina composta pelos estados-nação criados entre o século XIX e XX, e espalhados nos diversos continentes. Essas linhas divisórias do mundo atual remontam menos a fatores históricos, culturais ou étnicos e mais a processos violentos de colonização e de domi-

nação impulsionados pelo Ocidente cristão. A *fronteira-mãe* de todas as fronteiras é constituída ainda hoje pela “*linha abissal*” (SOUSA SANTOS, 2010) e pela relação estruturalmente assimétrica entre metrópoles e colônias, que se reflete consequentemente na distinção controversa entre “países cristãos” e “terras de missão”. A *missio ad extra*, concebida dentro do paradigma da missão moderna, jamais conseguiria se desvencilhar da perspectiva da conquista colonial.

Hoje, a Teologia da Missão se vê obrigada a ressignificar seus termos e suas referências terminológicas, simbólicas e conceituais diante de uma nova realidade, de uma nova sensibilidade e de uma nova conjuntura geopolítica. Superar uma mentalidade moderna eurocentrada é uma tarefa bastante árdua. Quando a configuração da subjetividade e da alteridade se dá através de um dispositivo de poder, o outro é negado sistematicamente e de várias maneiras. Para tentar resgatá-lo e reconhecê-lo em sua identidade, é necessário ter consciência dos processos de dominação que nos definem, que estão interiorizados-naturalizados em nós, e sobre os quais devemos dedicar-nos a enxergá-los e a expurgá-los através de um exercício de paciência, escuta e humildade.

Para isso, cruzar fronteiras não significa apenas uma travessia exterior e/ou interior para outros países, culturas e igrejas. À luz do que argumentamos até aqui, o *ad extra* assume principalmente o significado mais profundo e penitencial de uma tomada de consciência do peso histórico das fronteiras, que implica tocar visceralmente a realidade do outro lado da história, as feridas sociais, culturais, religiosas, epistêmicas e de todos os âmbitos da vida de povos e de pessoas que foram crucificadas, empobrecidas, silenciadas, descartadas e negadas. Nesse sentido, esse movimento *em saída* corresponde a uma inquietante e intensa conversão pascal em termos de uma metanoia.

HABITAR AS PERIFERIAS

Contudo, esse processo não se limita a ultrapassar as fronteiras no vaivém de uma pesquisa de campo, de uma prestação de

serviço ou de um passeio turístico, por quanto ilibadas e empáticas forem as intenções de quem eventualmente empreende esse tipo de atividade. Nem talvez a própria imagem do missionário como “*hóspede junto a outros povos*” (BEVANS, SCHROEDER, 2016, p. 60; RMX 12.2) parece apropriada, pois a situação do visitante remete sempre a algo de passagem, que não chega a pertencer de fato a um povo, a uma história e a um contexto.

Nesse sentido, a perspectiva inovadora da missão entendida como cooperação intereclesial, sobre a qual nos debruçarmos em outras ocasiões, encontra aqui o seu limite, ou se quisermos, o seu calcanhar de Aquiles: a missão não pode ser reduzida a tarefa ou a obra, como sugere o termo “cooperação”, que se explicita em oferecer uma colaboração no âmbito pastoral, teológico ou administrativo a outra Igreja. Não há verdadeira missão sem um mergulho profundo numa realidade local, sem chegar muito próximo a uma verdadeira pertença/convivência de corpo e alma, reconhecida pelo povo que acolhe.

O chão onde esse mergulho missionário acontece é jesuanamente um lugar de periferia, um “confim da terra”, uma Galileia marginalizada, mestiça, sincrética, empobrecida, marcada pela exclusão, pela expropriação, pela violência e pelo esquecimento. Francisco convida continuamente a Igreja a sair em direção às periferias, para não correr pelo mundo afora sem direção e sem sentido (cf. EG 46). As constituições xaverianas complementam um acréscimo qualitativo e essencial para a *missio ad extra*: “*fiéis às preferências de Cristo, dirigimo-nos em particular, entre os não cristãos, aos destinatários do Reino: os pobres, os fracos, os marginalizados pela sociedade, as vítimas da opressão e da injustiça*” (C 9).

A palavra “confins” utilizada por Lucas, corresponde ao grego “*eschátou*”, “últimos”, aplicada também aos “últimos tempos”, aos “últimos dias” num sentido exatamente escatológico. Por analogia, faz sentido enxergar uma correspondência também de tipo sociológico e antropológico, à luz de Mt 25,31-46, onde os pequenos e os pobres assumem um papel de “últimos” no tempo histórico e de “*ultimatum*” no juízo final.

Desta maneira, toda universalidade da *missio ad extra* estendida a todas as nações até os confins da terra, acaba necessariamente aterrizando numa realidade última, concreta, extrema, esquecida, excluída e marginalizada. Nela a Igreja, antes de querer se tornar “*casa dos pobres*” (Dap 8; 524), é chamada em primeiro lugar a *entrar* na casa dos pobres, como peregrina, aprendendo a *ser* uma Igreja pobre como desejava Medellín: “*a pobreza da Igreja e de seus membros deve ser sinal e compromisso: sinal do valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem*” (DM XIV, 7).

Isso implica necessariamente um processo de aproximação que leva a *habitar* as periferias, tecendo vínculos de amizade (cf. Dap 398), *sentipensando* a partir do chão dos marginalizados, *corazonando* com o coração deles, partilhando sua cosmovisão, vivendo intensamente seu cotidiano. Em outras palavras, deixar que a periferia habite em nós. “Habitar” significa *pertencer*, embrenhando-se, tocar com mão o desencanto, as divisões, os conflitos e as lacerações produzidas pela diáspora fronteiriça, enraizada na história, no corpo e no cotidiano das mulheres violentadas, dos migrantes desapaosados, dos trabalhadores explorados, dos anciãos desassistidos, dos jovens desesperançados, das famílias desabrigadas, dos milhões de injustiçados por razões de gênero, raça, etnia, classe social, que vivem na carne a violência colonial. Por isso, as periferias, assim como as fronteiras, não são um lugar fácil de se viver, pois nesses confins do humano as enviadas e os enviados por Jesus são chamados penitencialmente a descalçar-se e a desaparecer, vivendo e aprendendo a se tornar próximos a condições de esquecimento, de injustiça e de desumanidade.

Esse êxodo não exige apenas uma grande generosidade e uma tremenda ousadia. Impele sobretudo a adotar uma profunda humildade feita de escuta, de atenção, de acolhida, de respeito, de reconhecimento e de serviço, para que possa emergir a voz dos invisíveis, dos descartáveis e dos excluídos, seus anseios e seus desejos de se tornarem sujeitos da própria história, e com isso “*despertar a esperança no meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá pra ninguém*” (PG 67; Dap 395).

ABRIR CAMINHOS

Se a Igreja missionária em saída vive constantemente uma condição de *“êxodo contínuo (...) através dos vários desertos da vida e das várias experiências de fome e sede de verdade e justiça”* é porque é chamada a *“fazer sentir ao homem sedento de infinito a sua condição de exilado a caminho da pátria definitiva, pendente entre o ‘já’ e o ‘não ainda’ do Reino dos Céus”* (FRANCISCO, 2017, 6). A Igreja habita esse mundo como peregrina, mas ela não é deste mundo: ela é enviada *ad extra*, ao mundo, como estrangeira, e seu caminhar assinala sempre para outro mundo, um mundo sem fronteiras, uma pátria definitiva (cf. Hb 13,14). Neste sentido, *“a missão adverte a Igreja de que ela não é fim em si mesma, mas instrumento e mediação do Reino”* (FRANCISCO, 2017, 7), ou seja, sempre em tensão comprometida com um mundo novo, um novo estado de coisas, uma nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros (EN 23).

Quando a Igreja perder o faro dessa tensão, estabelece-se como cidadã deste mundo, se perde no tempo, torna-se autorreferencial, mundaniza-se sacralizando sua autoridade, suas doutrinas, sua visibilidade. Torna-se “centro” repudiando as periferias. Perde a esperança nos pobres e nos outros, chegando a condescender com os poderes deste mundo.

Assim como para a Igreja, a missão é a condição existencial fundamental de cada discípulo/a missionário/a que anuncia com sua vida a vinda de um Reino para todos. É uma condição que aponta continuamente para uma superação, uma mudança e uma transformação rumo ao *“um novo céu e uma nova terra”* (Ap 21,1), através da construção de uma sociedade justa e solidária para todos, a caminho de um *shalom* bíblico de vida plena e de plenitude cósmica.

A indignação e o envolvimento contra todas as situações desumanas que são incompatíveis com o Reino da Vida que Cristo veio trazer (DAp 358), levam a um engajamento esperançoso com *“um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social”*, porque *“Deus em Cristo não redime só a*

peessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos” (DAP 359): “a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus (...) a proposta é o Reino de Deus”, porque “na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180).

A *missio ad extra* é também um chamado a se projetar para fora e para um além, desvendando horizontes, abrindo caminhos inexplorados e outros mundos possíveis, fomentando um movimento de evolução, de crescimento, de avanço, de mudança, de busca de um “bem viver” que pode acontecer na história. O mundo globalizado no qual vivemos parece ter perdido de vista seu horizonte, reduzindo suas expectativas, encolhendo seus sonhos e suas esperanças, vivendo de objetivos fragmentários a curto prazo: “a história – diz o Papa – dá sinais de regressão” (FT 11).

Contudo, Francisco convida continuamente a Igreja a superar a tentação de se fechar, de se encolher, de condenar e de tratar de forma reativa os problemas complexos que surgem no mundo de hoje. Ao contrário, é preciso sair, criar hábitos proativos (cf. FRANCISCO, 2013), enxergar oportunidades e não apenas ameaças, discernir certamente, mas caminhando na esperança e “se abrindo aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Isso implica também e principalmente ter um “*coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião*” (FT 3), capaz de se libertar de “*todo desejo de domínio sobre os outros*” (FT 4) e capaz de sonhar com um mundo “*como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos*” (FT 8).

A adesão a uma perspectiva missionária decolonial não pode cair na armadilha de promover políticas identitárias ou nativistas: uma missão *pluriversal*, que procura pelo caminho da interculturalidade e da reciprocidade um intercâmbio de experiências, valores

e cosmovisões além de um “*paradigma tecnocrático dominante*” (LS 101), luta sempre contra toda forma de domínio, sempre engajada com as causas maiores, com o cuidado com a Mãe Terra, com a solidariedade com outros povos oprimidos e com a integração com as mais diversas dimensões da vida.

Nesse sentido, uma missão que derruba muros e constrói pontes, busca sempre uma inserção no local em comunhão com o global (FT 142) e uma interligação entre as dimensões pessoal, relacional, social e cósmica (LS 91, 117, 138, 240). Não se trata de promover um universalismo abstrato, como um presumível pretexto para homogeneizar, nivelar e dominar (FT 100). Fundamento de um “*coração sem fronteiras*” (FT 3) é simplesmente o humano: “*dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância*” (FT 106).

CONCLUSÃO

A *missio ad extra* até os extremos da terra representa ao mesmo tempo um chamado na ótica da *missio ad gentes* assim como a origem, a meta e o conteúdo de toda identidade e atividade eclesial. Essa tensão “em saída” faz parte do único mandato de Jesus a seus discípulos: “*Ide, portanto, e fazei discípulos todas as nações*” (Mt 28,19). A Igreja vive e se articula unicamente para fora de si e para cumprir essa tarefa até os últimos confins e até o fim dos tempos. A Igreja será plenamente e verdadeiramente Igreja quanto mais será capaz de se dar aos outros cruzando toda fronteira, habitando toda periferia e se abrindo a todo horizonte do humano.

Ao caracterizar de modo especial a dimensão universal da Boa Nova de Jesus, a *missio ad extra* não pode ser reduzida a um envio missionário de um país para outro, prática que pode ainda repropor uma configuração colonial de conquista, de expansionismo cristão (*plantatio ecclesiae*) ou ainda de voluntarismo salvacionista. O *ad extra* deve inspirar dimensões muito mais profundas, proféticas e irrenunciáveis para práxis cristã, do que um ensejo expedicionário protocolar vinculado a projetos de cooperação missionária.

Em primeiro lugar, uma *missio ad extra* autêntica deve ser expressão de algo *ad intra* que não se contém, que transborda e que precisa sair. Na medida em que esse “algo” se torna um chamado mais forte de qualquer vínculo ou interesse pessoal, se converte em um “centro” que projeta a pessoa para fora, para além de si e para dar de si. Então podemos enxergar nessa saída uma força centrífuga espiritual que transforma, que desafia, que se torna legado “*de um bem que humaniza e que ajuda a levar uma vida nova: não há nada melhor para transmitir aos outros*” (EG 264).

Em segundo lugar, a *missio ad extra* se revela como um caminho discipular de aprendizagem: no encontro com o outro e com o pobre, o enviado é como que compelido a transformar-se, a se converter, a amadurecer, a colocar em discussão suas convicções, a cruzar fronteiras para um outro nível de compreensão. Essa metanóia é um processo constante, profundo e sem fim:

cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus (...) A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados. (EG 272)

Em terceiro lugar, a *missio ad extra* implica necessariamente mergulho batismal e pascal em uma realidade de periferia: isso significa fazer a opção de *habitar* os contextos marginais e de renascer neles, desenvolvendo “*o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte de uma alegria superior*” (EG 268). Esse processo de uma progressiva *per-tença* efetiva e afetiva, se dá em ser acolhido/a como peregrino/a que veio a partilhar e a servir a vida, rumo à plenitude.

Enfim, a *missio ad extra* aponta para uma abertura universal a todos os horizontes, a todos os saberes, a todas as culturas e a todos os povos. O desejo de se projetar além é instigado pela curiosidade e pelo interesse que, se não forem sintoma de desejo de conquista, é um sinal singelo de amor e de interesse pelo outro e pela vida:

não é possível ser saudavelmente local sem uma sincera e cordial abertura ao universal, sem se deixar interpelar pelo que acontece noutras partes, sem se deixar enriquecer por outras culturas, nem se solidarizar com os dramas dos outros povos. Na realidade, toda a cultura saudável é, por natureza, aberta e acolhedora. (FT 146)

Os confins da terra representam um contínuo convite a uma abertura a tudo e ao todo, ao novo, ao inesperado, ao desconhecido, ao subversivo:

queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação (FT 276).

Nessa jornada *ad extra* o mais importante não será o que a Igreja será capaz de realizar em ações e obras, mas sempre o que a Igreja será capaz de se tornar.

PARA REFLETIR

- Ao avaliar as nossas experiências de vida, quais fronteiras tivemos que cruzar, aprendendo, desaprendendo, aprendendo de novo a lidar com os pobres e com os outros?
- Quais são hoje as periferias existências que qualificariam verdadeiramente uma missão *ad gentes*, *ad extra* e *ad vitam*?
- Sobre quais projetos missionários deveríamos nos debruçar, para nos tornar uma comunidade missionária que abre caminhos de solidariedade e que alimenta a esperança?

SIGLAS

C	Constituições Xaverianas
DAp	Documento de Aparecida
DM	Documento de Medellín
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi

FT	Fratelli Tutti
LS	Laudato Si
PG	Pastores Gregis
RMi	Redemptoris Missio
RMX	Ratio Missionis Xaveriana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. **Diálogo Profético**. Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.

ECHARTE, Ignacio. Appunti su San Francesco Saverio. In: MISSIONARI SAVERIANI. **Convegno sulla spiritualità xaveriana**. Taverne-rio, CO, 2006. Roma: Missionari Saveriani, 2006, p. 77-89.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação**. Rio de Janeiro, Domingo, 28 de julho de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>. Acesso: 4 dez. 2023.

_____. **A missão no coração da fé cristã**. Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2017. Roma, 4 jun. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20170604_giornata-missionaria2017.html>. Acesso: 17 dez. 2023.

SENIOR, Donald; STUHMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1987.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

HABITAR AS FRONTEIRAS COM CORAÇÃO SEM FRONTEIRAS

**Jesus, Paulo, a comunidade apostólica e
as fronteiras: uma reflexão bíblica ecumênica**

*de Tea Frigerio, mmx
t_frigerio@hotmail.com*

RESUMO: A escrita nasce da provocação: habitar as fronteiras com um coração sem fronteiras. Uma provocação que exige movimento, exige saída, e o verbo sair é sentido como o DNA de sermos discípulos e discípulas. Daquele que saiu para assumir a humanidade e habitar conosco em nossa casa comum. Filhas e filhos do verbo sair, trilhar o caminho de habitar a fronteira, convertendo-nos à fronteira.

ABSTRACT: The writing is born from the provocation: To inhabit the borders with a heart without borders. A provocation that demands movement, demands going out, and the verb to go out is felt as the DNA of being disciples of the One who came out to take on humanity and dwell with us in our common home. Daughters and sons of the verb to leave, to tread the path of inhabiting the frontier by converting ourselves to the frontier.

ABRIR A CONVERSA

“Jesus, Paulo, a comunidade apostólica e as fronteiras: uma reflexão bíblica ecumênica”. Foi o tema que me foi proposto e apresentei no Simpósio on-line organizado pela Rede Latino-Americana de Missiólogos e Missiólogas de 18 a 23 de setembro de 2023. O tema me remetem à utopia do III Isaías 65,17 – “vou criar um novo céu, uma nova terra” – que ecoa nas palavras do autor do Apocalipse 21,5: “Eis que eu faço novas todas as coisas”. Palavras proféticas, palavras apocalípticas. Sim porque hoje nós amantes da eclesiologia das CEBs, ou como nos propõe Papa Francisco, ser amantes da eclesiologia sinodal, exige de sermos apocalípticos. Apocalípticos, não

no sentido de proclamadores e proclamadoras de ruínas e de fim de mundo, mas sim pessoas resilientes que mantêm viva a utopia de Jesus de Nazaré, a utopia de Paulo de Tarso de sermos *ekklesia*, Assembleia alternativa que não se conforma à lógica deste ‘mundo’ (Rm 12,2).

Confesso que talvez esta minha conversa esteja ainda influenciada pelo caminho percorrido na Ampliada Nacional das CEBs, seja na preparação como na realização ao 15º Intereclesial acontecido em Rondonópolis de 18 a 22 de julho de 2023, cujo tema foi: *CEBs: Igreja em Saída, na busca da vida plena para todos e todas. “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra!”*.

As palavras do profeta ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando e acalentando utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha: ausência de vida, dignidade, comida, casa, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança no povo resiliente.

Dois rios de água pura alimentam o esperar: o rio da utopia e o rio do rito.

O rio da utopia tem sua nascente no mito. O mito é coisa séria. É fonte escondida que atua poderosamente, é fonte de água viva (Jo 4,13-14). É memória coletiva do povo, sua origem, sua identidade. No mito o povo expressa quem é, de onde vem e para onde vai. Descreve como se relaciona com o Divino, com a Casa Comum, na sociedade, consigo mesmo. As narrações ajudam a compreender os fatos da vida ligando-os às suas origens. Ajudam a se situar no ‘espaço’ e no ‘tempo’ estabelecendo um quadro de referências que dão segurança e identidade.

A utopia/mito acorda a memória da origem de toda expressão de vida, da cultura, dos costumes. Falam de tudo que faz parte da vida. Falam da Casa Comum, da solidariedade humana, da convivência na Casa Comum. Falam da Divindade como origem da vida.

Em tempo de crises, de mudanças, de derrota, quando a identidade é ameaçada, a utopia/mito entra em ação e ajuda o povo a defender-se, a reencontrar-se, recriar-se através dos ritos, das celebrações, das danças, das peregrinações, das visitas, etc. A utopia/mito torna a vida inteira um rito. E as palavras do profeta Isaías nos ajudam a compreender quem somos, de onde viemos, e para onde vamos.

O segundo rio que alimenta a esperança é o rio do rito. A utopia/mito é como uma música. As notas musicais escritas no papel são mudas, mas quando ativadas pelo toque de instrumentos musicais, interpretadas pelas vozes, elas nos conectam e nos fazem entrar em comunhão com a inspiração original do artista. Acreditamos que o artista seja o Divino. Nasce, então, o rio do rito. Quando ativado através das águas do rito, a utopia/mito faz o 'eu' da pessoa encontrar o 'nós' da comunidade, do povo. Integra a pessoa e lhe dá identidade. Quando o rito é ativado através dos costumes e tradições, das celebrações e romarias, leitura orante e círculos bíblicos, novenas e visitas, narrações e solidariedades, empenho e luta a utopia se torna próxima na realidade. Neste processo a Palavra de Deus nos coloca em contato com a inspiração original que deu origem ao Povo de Deus, ao Povo das CEBs. Faz-nos entrar na correnteza do rio rito que tudo purifica e renova, alimenta a resistência, a esperança se torna esperar. A correnteza das águas leva, faz o processo acontecer no cotidiano e no social, no pessoal e coletivo, enfim no eu e no nós.

O tempo da utopia/mito é ontem e amanhã. O tempo do rito é hoje. O rito é o espaço onde vivemos o esperar, construímos a utopia. O rito nos coloca em saída, nos faz perceber que a água de hoje não é a de ontem, que a paisagem mudou e, compreendemos que a utopia se realiza na interação entre hoje e ontem, entre mito e rito.

... O tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha à ré. Trata-se de privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvol-

verão até frutificar em acontecimentos históricos importantes ... gerar processos que construam um povo ... desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser a plenitude da existência humana, de acordo com o caráter peculiar e as possibilidades da dita época (EG 223-224).

A palavra de Papa Francisco evoca para nós *processos, crescimento, dinamismo, gerar processos, desenvolve e alcança ...* termos que nos colocam em movimento que como pequenas luzes apontam para onde ir nossa reflexão, mas mais que reflexão o movimento e vivencia de *habitar as fronteiras*. E, assim continuo minha conversa com um verbo: SAIR.

SAIR

Habitar as fronteiras supõe um movimento de saída. Papa Francisco nos ajuda a aprofundar:

É tomar iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos que estão à margem, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos e excluídas (cf. EG 24).

É passagem da autorreferencialidade, centrada em si mesma, para uma atitude aberta à alteridade, porque *“quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro, a outra e buscar o seu bem”* (EG 9).

É acolher o chamado a uma saída missionária sempre em novidade (cf. EG 20), sem medo de enfrentar os cenários e os desafios próprios da missão evangelizadora.

É um convite a uma nova práxis eclesial/missionária, na visão de Francisco, *“não se pode deixar as coisas como estão. Não nos serve uma ‘simples administração’”* (EG 25).

Diante dos desafios da missão, o Papa convida a uma saída missionária. Isso é, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar e habitar as fronteiras que precisam da luz do evangelho (cf. EG 20).

Saída é missão. Missão é o encontro de Divino com o Mun-

do, do Divino com o Humano. Missão é um processo de inserção, de relação, de comunhão, de urgência, que *não se realiza sem tensões e lutas*.

SAIR nasce da PROVOCAÇÃO de um NÃO, que tem como resposta a PROVOCAÇÃO de um SIM. O verbo SAIR é fundamento, é nascente do sermos Igreja em saída, assim como nossos antepassados e antepassadas o foram: *somos filhos e filhas do sair*. Sair é nossa herança.

Sair é resposta a uma provocação que vem através de um grito, um chamado, uma situação. Sempre há um *não vida*, que clama por *vida plena*.

Sair para habitar as fronteiras. Ouso voar como águia sobre nosso Texto Sagrado e apontar umas luzes, convido a voar comigo e neste voo perceber outras luzes.

A Divindade desceu, para estabelecer morada no meio do povo teve que sair. De ponta a ponta, o verbo sair, é o fio que costura todo o texto sagrado.

A Divina Ruah saiu para pairar sobre o caos, fazer acontecer a harmonia e o desabrochar da vida (Gn 1,1ss).

Abraão aceitou o convite de sair e, de saída em saída se tornou nosso pai na fé (Gn 12,1ss).

Agar teve que sair, se colocar a caminho no deserto, arriscar sua vida e a vida do filho e, na nascente, viu, foi vista e, se tornou mãe de um povo forte (Gn 16,7ss; 21,14ss).

No êxodo, Javé viu, ouviu e desceu. Ele se deslocou, teve que sair para fazer acontecer a libertação (Ex 3,7ss).

O povo teve que sair, caminhar pelo deserto para aprender o bem viver. JAVE é como o rio que desce e convida a sair, se colocar a caminho, atravessar as águas para entrar na terra do bem viver.

Debora teve que sair dos paradigmas de seu tempo para responder ao clamor do povo e dizer com Jael: basta invasões predatórias (Jz 4 e 5).

Elias teve que sair do palácio do rei para experimentar que se pode viver do que a natureza e a hospitalidade oferecem, aprender que o Deus na vida é o Deus da brisa leva sempre in novidade, livre e libertador (1Rs 17; 19,11-13).

Noemi e Rute saíram e voltando constituíram uma aliança, resgataram leis que asseguravam para elas e para o povo pão, terra, teto e futuro.

Ester teve que sair dos privilégios de rainha, colocar sua vida em risco para proteger a vida do povo (Est 5).

Judite teve que sair de sua viuvez para denunciar que não se coloca Deus à prova, se confia Nele acreditando no Deus verdadeiro que age libertando através do seu agir (Jt 8,1ss).

Saiu Maria carregando no ventre o filho anunciado (Lc 1,39), a Palavra que se faz Humanidade e coloca sua tenda no meio do povo (Jo 1,14).

Poderíamos continuar voando e elaborando um cântico/ladainha para cantar, dançar e viver o verbo sair que costura a história da Divindade que sai e caminha com seu povo.

Percebemos que 'sair' se coloca sempre nas fronteiras. Sair para se deslocar para periferia, para se deslocar para as fronteiras. Habitar a fronteira, ser fronteira para fazer acontecer. Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras, exige deslocamento, esvaziamento que penetra em todos os níveis da existência desde o geográfico até o espiritual/místico.

Sair, para onde? Porque? Para que? Como? Deixando o que?

Sair tendo um objetivo, uma meta, um projeto, um processo para fazer acontecer mudança, transformação, vida: passar do não ao sim, da morte à vida. O sair sempre exige um deixar, se colocar em movimento, iniciar um processo para fazer acontecer.

Olhando bem dentro das narrações do texto sagrado, sempre há um não à vida que provoca movimento, processo que exige como resposta um sim à vida. No movimento, no processo não en-

contramos um, uma protagonista, solitária, isolada, um ser heroico personalista, mas há sempre companheiros, companheiras, aliados e aliadas, um coletivo, comunitário, uma equipe visando a vida, vislumbrando superar o não à vida para um sim à vida do povo.

Habitar as Fronteiras com coração sem fronteira nos convida a fixarmos nosso olhar sobre alguns panos desta nossa colcha de retalhos para nos deixar iluminar.¹ E, quero continuar minha reflexão ousando colocar em paralelo Jesus e Paulo para colhermos a continuidade que há entre eles e o ‘decolonizar’ que há seja em Jesus como em Paulo.

JESUS ... PAULO

Principiamos a olhar para Saulo, o Maior, deslocando o olhar para Paulo, o Mínimo. No caminho de Damasco um grito provoca nele um deslocamento, uma mudança, que exige sair de um caminho para enveredar noutra direção, vislumbrando o novo, vai entrar num processo de conversão que o leva a reelaborar (na nossa linguagem “decolonizar”) sua teologia, Tateando um método, uma pedagogia, não sozinho sempre em equipe.

O seu foi um chamado apocalíptico ... Nossos tempos são apocalípticos ... Jesus é um apocalíptico ... Paulo, as primeiras comunidades são apocalípticas. Porque são apocalípticas? O são porque à luz que os guias são novo céu e nova terra, o Reino, é o já e ainda não, o esperar.

Mais adiante retomo isso se o tempo permitir. Mas aqui quero refletir colocando-o em paralelo a nossa nascente Jesus de Nazaré e perceber como Paulo embora não tendo conhecido pessoalmente Jesus de Nazaré bebeu à sua fonte, sua luz e o guiou no processo de inculturar e decolonização a Boa Nova.

¹ Em outros artigos uso a imagem colcha de retalhos (patchwork), para refletir sobre o texto sagrado. Aqui aplico a imagem neste sentido: as narrações são retalhos costurados pelo fio colorido que é o verbo sair.

Nascer ... Sair

Jesus nasce, vive em Nazaré, mas a certa altura de sua vida se desloca, sai e se coloca a caminho. O que o faz sair de Nazaré? A realidade! O grito que vem do povo pela opressão do Império Romano, pela estrutura religiosa que colocava o povo à margem, que estavam desestruturando a casa. Sair, para ir ao encontro. Sai de Nazaré e se desloca para Cafarnaum provocado pela realidade. Deslocamento que coloca Jesus a caminho, num processo que marcará toda sua vida: habitar as fronteiras.

Saulo também sai e se torna Paulo. Judeu convicto tem sua primeira provocação no assassinato/martírio de Estêvão, seu amigo, seu companheiro na escola de Gamaliel (At 7). No caminho de Damasco uma luz o cega, “cai” do cavalo. Falamos isso para significar que ele foi tocado, provocado a se colocar em saída, do ser profundamente judeu da tribo de Benjamim, circuncidado, por opção fariseu, a se considerar o último dos últimos no conhecimento de Jesus Cristo (Fl 3,7-14). Se coloca em saída, se desloca.

Sair para onde?

Jesus sai para onde? Para a beira mar. Sua vida foi colocar-se nas fronteiras, geograficamente, socialmente, religiosamente. Sair das estruturas colocar-se à margem: pensar e agir a partir da margem e com os emarginados. Pensando no nosso tema podemos dizer: habita as fronteiras com coração sem fronteira e, quando se afasta desta opção criando muros, uma mulher cananeaia os derruba (Mt 15,21-28).

Paulo é trazido por Barnabé na comunidade de Antioquia, pequena comunidade que vivia à margem da estrutura social e judaica da cidade. Desta comunidade sai em equipe e vai percorrer as estradas que conduzem as cidades greco-romanas fazendo-se ultimo com os últimos, optando para se sustentar com o trabalho manual de tecelão de tendas, e deste lugar de margem anuncia a Boa Nova fazendo surgir comunidades (At 20,33-35).

Rumo ao horizonte

Jesus tem no seu horizonte o Reino. Qual é o horizonte de Paulo? Embora não apareça no seu vocabulário seu projeto é o Reino.

Jesus ao sair a beira mar em Cafarnaum seu primeiro agir é criar um pequeno grupo de homens e mulheres. Ao mesmo modo, Paulo sai em equipe e em cada cidade suscita pequenas comunidades.

O pequeno grupo com o qual Jesus vai percorrendo a Galileia, a Samaria e a Judeia o que faz? Cura, expulsa demônios, inclui, perdoa, restitui a dignidade, abre os olhos, aprende e vive uma nova lógica. Um agir alternativo à sociedade em que estão vivendo: os leprosos ao ser curados são reintegrados na sociedade, as mulheres se tornam discípulas, apóstolas apóstolorum, as crianças símbolo do Reino; o ser humano, a vida tem valor não a lei; seu não à estrutura do templo é radical; à Samaritana que pergunta onde adorar revela que na vida se encontra e adora o Divino porque tudo é sagrado (Jo 4,23-24)²; as estruturas que matam têm que deixar lugar ao amor ao perdão, à inclusão. O agir de Jesus não é somente ao seu redor, mas um agir também para dentro do grupo: há mulheres, homens, pescadores, judeus, gregos, samaritanos. O grupo vive com Jesus, vive um agir novo, relações novas não só fora, na sociedade, mas um agir novo, relações novas no grupo: entre vocês não deve ser assim (Mt 20,24-28; Mc 10.42-45).

Jesus é marco de mudança na história.

Colocou-se radicalmente nas fronteiras das estruturas de seu tempo. O templo não está no seu horizonte a não ser para criticar sua estrutura corrupta. Não estando o templo no seu horizonte não há sacerdócio: a vida é sagrada é nela que encontramos o Divino, sem mediação; Jesus nasce leigo, vive como leigo, morre leigo. Na cruz o seu coração, ferido pela lança, se

² <https://www.missiologia.org.br/cemla/cemla-caderno-10>, p.129-145

torna útero que derrama sangue e água e dá à luz a comunidade doando-lhe seu Espírito: a comunidade, é sua continuidade. Da fronteira da Cruz, o Coração que ama sem fronteiras se torna útero que vive: “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,22).

“Vão dizer aos meus irmãos que estou vivo” (Mt 28,9-10; Jo 20,14). Jesus e as mulheres, as mulheres e Jesus: um caminho de companheirismo, cumplicidade, aprendizado recíproco, inclusão, amizade. Marta, as Marias, Maria de Magdala, Joana, Susana, Cananeaia, Prostituta, Adultera ... Junto quebram todos os tabus de pureza, exclusão social, desacerdotalizando a estrutura de “igreja/templo”, apontando o novo reconstruindo as relações na casa, a partir da casa. Jesus sai Nazaré cruza horizonte, abre fronteira, habita fronteiras com coração sem fronteiras.

Paulo caminha no mundo greco-romano. Seu andar é em equipe, come Jesus vai na sinagoga, mas quando não é acolhido a deixa. Seu anúncio convoca pessoas a se reunir em pequenas comunidades nas periferias da estrutura de cidade do império romano, da religião judaica. Pequenas comunidades provocadas a viver novas relações: Priscila e Áquila, Lídia, Onésimo, Ápia e Filemon, Febe. Homens e mulheres experimentam novas relações, nova humanidade. A *ekklesia* que está na casa deve ser alternativa a *ekklesia* da cidade.

A Comunidade tem que ser primeiramente um espaço de novas relações “*não há judeu nem grego, não homem nem mulher, não há escravo nem livre* (Gl 3,28)). Paulo traz o Divino na realidade; provoca mudança de linguagem, que levam a mudar de mentalidade, de paradigma, de vivência, de relações.

Em seu primeiro escrito a 1ª Carta aos Tessalonicenses afirma repetidamente que Jesus Cristo é o Senhor e não o imperador; repetidamente afirma que na comunidade somos irmãos e irmãs. Ao fazer isso convida os cristãos e cristãs de Tessalônica a mudar de paradigma: na comunidade não há estrutura piramidal, na comunidade vive-se relações de irmãos e irmãs.

Na 1ª Carta aos Coríntios escreve: *“ouço dizer que uns comem, até passar mal, envergonhando os pequenos, na noite em que Jesus foi entregue ...”* (1Cor 11,18ss). Paulo está decolonizando as comunidades greco-romanas, está provocando a inculturar a Boa Nova de Jesus de Nazaré. Na comunidade tem que ter relações alternativas, mas para isso é necessário mudar de paradigma, mudar de mentalidade: *“Deus escolheu o que é loucura no mundo, o que é fraqueza, aquilo que o mundo despreza, acha vil, não tem valor isso Deus escolheu...”* (1Cor 1,26-31).³

Sair geográfico, sair social, sair religioso, sair eclesiológico, sair de paradigmas, sair ... O verbo sair é verbo fundante para habitar as fronteiras.

FRONTEIRA ... MARGEM ... LIMITE

Ao olharmos para Jesus, para Paulo percebemos com força que não partiram da estrutura, se colocaram na fronteira a partir da fronteira. O que é colocar-se na fronteira? Colocar-se na fronteira é se colocar no limite, é se tornar liminar. Em todas as sociedades existem pessoas liminares (Jesus, Paulo, o Movimento de Jesus, Francisco de Assis ...). O que significa isso? Fazer a experiência de um Deus que ouve, escuta, desce e vai ao encontro. Ir ao encontro, dar resposta ao clamor precisou sair, para encontrar se deslocar, descer no limite, à margem, lá onde se eleva o clamor. Vai ao limite. Limite que é recomeço!

Colocar-se no limite, muitas vezes exige rupturas, é acordar a memória de uma sociedade, de uma humanidade cujo centro é a vida e não as estruturas. Numa Igreja que esquece seu arquétipo de ser povo de Deus, qual será o limite que vai acordar o compromisso de ser Igreja povo de Deus? Habitar as fronteiras vai acordar na Igreja seus compromissos com a vida, com a casa comum, com os últimos, de ser pobre com os pobres, de ser laical, sinodal, de ser Igreja em saída. Somos filhos e filhas do verbo sair.

³ <https://www.missilogia.org.br/cemla/cemla-caderno-8>, p. 78-107

UTOPIA APOCALÍPTICA

Antes falei: nossos tempos são apocalípticos ... Jesus é um apocalíptico ... Paulo, as primeiras comunidades são apocalípticas. Porque são apocalípticas? O são porque à luz que os guias são novo céu e nova terra, o Reino, são o já e ainda não, o esperar.

Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras é utopia apocalíptica hoje.

A apocalíptica desde o seu nascimento tem grande poder querigmática: proclama a esperança quando tudo parece perdido; sustenta a fidelidade a Deus quando o que foi recebido não responde adequadamente as crises do presente.

Em tempo de crise a tendência é fortalecer as estruturas, codificar em normas e leis, assim fez o judaísmo. Os grupos apocalípticos, por serem “visionários” fugiram deste controle e na percepção do novo, tentaram viver a fidelidade a Javé e a seu projeto, arriscando caminhos ainda não trilhados.

A profecia nascida do lado do povo que se sentia responsável pela história tinha o poder de interferir nela. No momento em que o povo faz experiência, que a história foge do seu controle, escapa de suas mãos, quando tudo parece perdido nasce o Movimento Apocalíptico.

Não nasce do lado do poder, mas do lado de quem sofre na história e se sente perdido nela. Não nasce do lado de quem se sente dono dos destinos das nações e dos povos, mas do lado dos pequenos que são privados de qualquer poder e são oprimidos por quem domina a história.

Os profetas convidavam a entrar na luta. Os apocalípticos animam a permanecer, a resistir na luta. Esta fé proporciona aos que resistiam a capacidade de ler a história. Com esta fé aparentemente irreal, sem fundamento, visionária, eles resistem aos poderes que ameaçam, perseguem, marginaliza.

Quando a comunidade cristã surge no meio de um poder tão abrangente, surge justamente como um grito de esperança.

De uma esperança que é “escândalo” e “loucura” (1Cor 1,21-25), porque não corresponde a racionalidade do poder e sim como experiência da cruz. É uma racionalidade incompreensível para os poderes deste mundo (1Cor 2,2-8).

O Império romano tinha consciência que sua maior vitória estaria na capacidade de despojar suas vítimas até da esperança. Os cristãos perceberam que renunciar a esperança seria renunciar a vida. Por isso quando toda esperança razoável parecia desaparecer do horizonte a causa dos acontecimentos históricos (perseguição de Nero, Domiciano; derrota da guerra judaica), procuram manter viva a esperança através de uma “*irracionalidade política – religiosa*”. Descer da racionalidade do poder e se dispor a “*dar razão da esperança*” (1Pd 3,15).

Paulo se torna apocalíptico, assume a linguagem apocalíptica para que os cristãos ao viverem nas comunidades a proposta de Jesus Cristo, possam criar outro universo ideológico, mantendo sua identidade, resistirem ao dragão que quer engolir tudo, manter viva sua esperança quando percebem que Jesus não vai voltar já, já.

Neste momento me vem à mente umas palavras que o padre José Comblin escreveu para a Revista Vida Pastoral n. 211 março-abril 2000, e que poderíamos adaptar ao olhar nosso hoje:

O mundo dos excluídos veio para ficar ... Quem nasce no mundo dos excluídos já nasce excluído e nunca poderá recuperar a distância que o separa de quem nasceu numa família incluída ... Anunciar o fim da exclusão é irresponsabilidade, porque, com isso, deixa-se que as pessoas fiquem na ilusão, atrasando-se as disposições a serem tomadas em virtude da situação que existe ... Continua-se a fazer o discurso da opção pelos pobres e excluídos, no entanto, esse discurso fica cada vez mais distante da realidade ...

Talvez estas palavras nos choquem ao lê-las, pois nos obrigam a olhar com certo desencanto a realidade brasileira e mundial hoje. Elas nos obrigam a refletir a nos perguntar ainda hoje: o Mundo dos excluídos veio para ficar? Quem nasce excluído nunca poderá ser incluído? Anunciar o fim da exclusão é irresponsabilidade? Cadê a esperança cristã?

A estas interrogações cada uma e cada um de nós pode acrescentar outras que brotam da nossa vida, que nasceram naquele tempo, assim como podemos colocar as de hoje: o nazifascismo, o capital se concentrando sempre mais, o lucro acima de tudo, genocídio, etnocídio, ecocídio, feminicídio, constelações de guerras, migração, intolerância, racismo, uma igreja profundamente dividida, uso e manipulação da religião, do Divino ...

Pensamentos, reflexões, perguntas que fazem nossa cabeça fervilhar.

Fervilhar como a cabeça de Paulo devia fervilhar ao escrever a Carta aos Gálatas. Como devia fervilhar quando lhe relataram das divisões presentes na comunidade de Corintos. Como devia fervilhar ao olhar a atitude passiva dos cristãos de Tessalônica que esperavam a volta iminente de Jesus, o Senhor. Como devia fervilhar para encontrar as palavras certas para escrever a Filemon. Como devia fervilhar frente à escravidão e exclusão, marcas registradas do Império Romano. Como devia fervilhar quando deu voz ao gemido da criação cativa. Como devia fervilhar ao refletir a respeito da experiência de liberdade que vivia após o acontecimento de Damasco. Como devia fervilhar ao se interrogar sobre os passos a serem dados para que outros, outras, pudessem viver esta experiência tornando-se *ekklesia* – assembleia – casa – comunidade espaço de relações alternativas.

Jesus, Paulo, o Movimento de Jesus habitaram as fronteiras, se tornaram fronteira, pois saíram do traçado. Peço desculpa se fixo meu olhar em Paulo. Ele se pôs na fronteira do mundo judaico, do ser cidadão romano, dos critérios apostólicos. Se colocar na fronteira e com seu anúncio provocar experiências humanas e comunitárias inéditas para seu tempo. Ousar escrever a Filemón ao mandar de volta Onésimo “... *não mais como escravo, mas bem melhor de que como escravo, como irmão amado*” (Fm 16).

Paulo ousa falar de liberdade num mundo de escravidão, pois a experiência que ele estava vivendo era de profunda liberdade: “*Não sou, porventura, livre? ... ainda que livre em relação a todos, fiz-me servo de todos ...*” (1Cor 9,1.19). Experiência de

liberdade que o leva a anunciar a boa notícia da liberdade, que o leva a tomar consciência que há um só caminho possível: criar experiências de liberdade, espaços de liberdade, atitudes de liberdade, ações que testemunham que é possível ser livre, viver livre, ter relacionamentos marcados pela liberdade.

Experiência de liberdade que o torna capaz de ler seu momento histórico, que lhe faz intuir e traçar o caminho: criar uma linguagem, um pensar, uma ideologia, um crer alternativo ao sistema vigente. Experiência de liberdade que o torna ousado capaz de traduzir a boa notícia nascida num mundo rural para o mundo da cidade; capaz de inculturar a boa nova do reino, enraizada na religião judaica, num mundo pluricultural e plurirreligioso; capaz de colocar em xeque a circuncisão, capaz de tornar a boa notícia resposta de esperança aos anseios de muitos.

Experiência de liberdade que se traduz numa profissão de fé batismal: *“... pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus.”* (Gl 3,27-28).

Experiência de liberdade que o faz orar: *“Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação ... Ele veio e anunciou a paz ... por meio dele, nós judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso ao Pai”* (Ef 2,14-18).

Experiência de liberdade que marcou seu caminho missionário, que o tornou ousado na escolha dos itinerários, que o tornou destemido sem medo de ser abandonado, criticado, combatido, acusado, que o tornou capaz de amar profundamente seu povo de origem, até largá-lo e se voltar para outro povo a fim apontar e seguir os caminhos da Divina Ruah.

Nosso olhar, hoje, percebe o “poder tecnológico”, a propaganda das liberdades pessoais, a irresistibilidade do enriquecimento e do consumo, os deuses do poder e do mercado. As Igrejas se rendem à idolatria, transformando-se em pregadoras do sucesso, de meritocracia, do consumo e do prazer. Deus/Deusas são pregados como “empreendedores, banqueiros, ricos e negociantes”.

As comunidades de resistência e de vida alternativa mais socializada, mais igualitária, são bombardeadas por pressões de todos os tipos, da ridicularização verbal à violência física. Estados e leis, organizações e meios de comunicação exercem sobre todas as pessoas o poder de “coerção e aliciamento”, como o Cordeiro do apocalipse (Ap 13,11ss), “informando” e “incluindo”, por um lado, e “deletando” e matando, por outro. Quem não entra no “esquema” não existe; quem não tem dinheiro não vive; quem não compete não se instala. Resistir, sob essa pressão, não é fácil. Muito mais difícil é construir o novo, que requer ideias, ética, projetos, relações, afetos e estruturas novas sempre em renovação. Lembremos que toda fixação tem marcas da idolatria, da imperfeição.

Habitar as fronteiras para, a partir e com elas, transformar as mentes, paradigmas. Nosso horizonte, porém, não se resume às igrejas, se abre à vida social, ecumênica e cósmica. Não se trata apenas de mudança institucional, de paradigmas, mas do modo de viver.

Continuando a tradição paulina seguimos uma utopia, o Reino de Deus, novidade reveladora da presença de um novo rosto de Deus/Deusa, na escuta atenta da realidade. Essa utopia não se nega a tomar posição por justiça. Ansiamos pela vida nova no Espírito solidário com os gemidos da criação e da humanidade. Essa novidade de vida tem como referências “graça, justiça, fé, universalidade e paz”.

Se as forças de morte se instalaram no mundo pelo pecado de todos, pondo tudo a gemer e ansiar por liberdade, a Ruah se faz presente no mundo pelo rosto divino manifesto em Jesus. A Ruah, Espírito que está em Jesus é o mesmo que requer a entrega dos “corpos”, através da fé, à novidade de vida, para que as sementes da nova vida se espalhem pelo mundo e o renovem. É a Ruah/Espírito, presença vivificante em toda história, que se une à nossa fraqueza, despertando em nós o anseio de nos tornarmos filhas e filhos de Deus (Rm 8,18-27).

Deixar-nos levar pela Ruah/Espírito é unir o seu gemido ao nosso e ao de toda a natureza. É permitir que ela nos leve ao

encontro das pessoas, cristãs ou não, que estão buscando estas luzes. Permitir que ilumine nossa fé, o nosso agir, respondendo às interpelações de Deus na história hoje. A utopia, que nos reúne nesse processo de transformação, é o universo libertado, a *oikos*, a casa comum de todos os seres vivos, em cujo centro a Divindade arma sua tenda.

Somos, portanto, neste tempo, convidadas e convidados a elaborar novas ideias, superar formas e esquemas, e lançar-nos, com nova mentalidade, a ler o texto sagrado e, acima de tudo, a encher-nos de novas práticas que seguem as pegadas Daquele que saiu, veio habitar as fronteiras, veio morar entre nós.

Não sei porque chegada ao fim desta conversa veio aos meus ouvidos esta música do cantor macapaense Zé Miguel. Partilho com você a letra, fala de voar, de habitar, de amar, de ousar e se sentir em casa nas fronteiras. Se quiser ouvir é linda procurem no Youtube.

Perola Azulada

Zé Miguel

*Já aprendi voar dentro de você
Ancorar no espaço ao sentir cansaço
Ossos da jornada*

*Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara.*

*Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de Deus, pendurada
A benção minha mãe.*

*Já aprendi nadar em seu mar azul
Adorar água, homem peixe, água
Fonte iluminada*

*Já aprendi a ser parte de você
Respeitar a vida em sua barriga
Quantos mais vão aprender*

Eu amo você ...

*Terra, terra por mais distante o errante
Navegante quem jamais te esqueceria.*

PARA REFLETIR

- Continuar o cântico/ladainha de narrações do Texto Sagrado onde sobressai o verbo “sair”.
- As ideias no texto que provocam a reflexão: Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras: concorda ... discorda ... complementa ...

MISSÃO AD EXTRA NA EDUCAÇÃO

de Jorge Alvarado Pacheco
djorgealvarado@gmail.com

RESUMO: Devido à necessidade real que existe, de uma formação religiosa entre os estudantes universitários; a missão ad extra da Igreja deve manifestar-se não só nos distantes, mas também nos próximos. Este ensaio procura desenvolver e sensibilizar para o trabalho missionário da Igreja nas instituições educativas. A ignorância religiosa nos alunos tem sido identificada como um desafio a ser resolvido a curto prazo, formulando questões que devem ser dadas de forma alegre e simples, que respondam aos interesses dos jovens estudantes. Com base em documentos, que indicam a base para a proposta de planos e programas de formação religiosa para alunos e professores. Para isso, são utilizados conceitos definidos e comprometidos com o mundo de hoje, incluindo os avanços tecnológicos, sem descuidar do que atrai e do que distrai a atenção do mundo de hoje.

ABSTRACT: Due to a true need for religious formation amongst university students, the Church's Mission Ad Extra should manifest itself not only in what is far away, but also in what is near to us. This essay is about the development and awareness of the missionary work of the church in the educational institutions. Religious ignorance amongst university students has been identified as a challenge to resolve in the short-term, formulating questionings that should give – in a joyful and simple way – answers to what the young students are interested in, leaning on documents that show the foundation for the proposal of plans and programming of religious formation for the students and faculty. Towards that end, we need to use concepts that are defined and committed with today's world, including the technological advancements, without neglecting what appeals and distracts in today's world.

INTRODUÇÃO

A humanidade mudou e continuará a mudar de forma vertiginosa, mudanças na forma de vivermos, de falarmos, de convivermos; mudanças no pensamento, na ação e no desenvolvimento físico e mental. A humanidade está a dar passos largos com o avanço da tecnologia, encurtando distâncias, ganhando e perdendo capacidades, com a Inteligência Artificial (IA) por vezes a perder

a capacidade de pensar e criar, mas poupa tempo e trabalha sem fazer esforço físico e mental. O tempo da educação formal tem sido orientado para o mínimo esforço e maior realização; agora a sociedade precisa de um novo caminho e de um novo guia para crescer.

É preciso tomar consciência da grande necessidade de preparação que devemos ter nós educadores, docentes e pais de família, uma exigência nos nossos dias, além de ser uma grande responsabilidade. Não podemos afastar-nos desta realidade: hoje mais do que nunca os alunos estão desejosos de conhecer os grandes valores do Evangelho. Juntos devemos construir programas, cursos, meios eletrônicos e contatos, para educar com valores.

Tomando consciência da necessidade de formação das novas gerações, é necessário ter presentes algumas ações, propostas apresentadas por Mons. Juan Álvaro Zapata Torres, vigário episcopal da arquidiocese de Bogotá:

- a) nunca se esqueça das famílias; gerar equipes de acompanhamento abrangentes para todas as famílias;
- b) além disso, utilizar uma cartilha de treinamento para as famílias;
- c) ênfase no trabalho com diferentes comunidades religiosas; tendo em conta uma equipa intercongregacional, para apresentar as opções vocacionais;
- d) trabalhar na consolidação da formação da iniciação cristã em todas as comunidades, e na formação de líderes que podem ser os assessores.

A Igreja tem um novo campo de ação, parece ser uma atividade controversa, que pode ser confundida: a missão da Igreja na educação deve ser considerada “*ad intra*”, visto que, por outro lado, a missão “*ad extra*” se dirige para fora, para o mundo não cristão? A realidade atual na educação formal aplicada pelo governo (no caso do México), não considera a formação religiosa; nesse caso, se perdem os valores humanos, e com isso os alunos são formados completamente fora de qualquer conhecimento religioso e humano. A missão “*ad extra*” encontra-se à nossa frente. A Igreja deve sair, planejar, projetar e tomar consciência da realidade atual.

A experiência perante um grupo de estudantes universitários abre caminho à necessidade de uma preparação séria e responsável. O campo da missão universitária é atual, é evidente o desejo dos jovens de conhecer opções de formação em valores e opções de percursos vocacionais. Os jovens querem conhecer e estão dispostos a seguir caminhos que valham a pena para tomar uma decisão, estão dispostos a doar-se com docilidade e generosidade; mas como tomarão decisões se não há ninguém para formá-los e apresentar-lhes opções de vida?

IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS

Tendo em conta a observação, o diálogo com os alunos, entrevistas com diretores, identificou-se a falta de educação religiosa e de valores humanos nas instituições de ensino; não só em instituições públicas, mas também em instituições privadas e até mesmo católicas. Existem alunos que ignoram absolutamente todos os conteúdos religiosos e humanos, e não têm a menor ideia da vida cristã e da sua socialização. A reação ao cumprimento da missão da Igreja manifesta-se quando

na nossa ação apostólica seguimos o caminho percorrido por Cristo na sua encarnação (...) em particular, pede-nos que partilhemos a nossa vida e o nosso destino com os nossos irmãos e irmãs a quem somos enviados, a ponto de partilharmos os seus problemas e o seu caminho de libertação (Constituições 14).

Temos uma realidade diferente, na qual surge o grande desejo de evangelizar a partir de uma nova fronteira, que pode ser considerada uma missão “*ad extra*”, a partir do sentido de que a missão deve sair do seu centro e aparecer no campo onde não se conhece a mensagem do caminho percorrido por Jesus na sua encarnação. Esse é o modelo proposto pelo fundador dos Missionários Xaverianos São Guido Maria Conforti para a nossa ação apostólica: Jesus não reivindicou a sua condição divina, mas fez-se homem em tudo como nós, exceto no pecado. (cf. Fl 2,6-7; Hb 4,15).

Identificam-se nos estudantes o desejo, a inquietação e o interesse de ouvir uma mensagem que chega ao seu interior e até se

questionam sobre o porquê pessoas deixam tudo e se entregam ao serviço dos outros? Há uma busca da parte deles para saber o que pode preencher o vazio que eles se encontram: mas como eles vão preenche-lo se não há ninguém para acompanhá-los? Onde se encontra o missionário leigo que transmita o que os alunos querem? Cristo, quando veio ao mundo, encarnou-se num povo, numa cultura e num contexto histórico preciso. A experiência do *ad extra* é um dos lugares onde o missionário melhor vive o caminho percorrido por Cristo na sua encarnação; é no *ad extra* que o pensamento e as ideias de Conforti são melhor compreendidos e que a tradição missionária chamou de “rosto humano”.

Não está se descobrindo uma nova realidade: tomar consciência da situação em que os jovens vivem atualmente, as escolas e as universidades atravessam uma crise muito profunda de valores humanos e de identidade religiosa.

A conscientização do uso da tecnologia como ferramenta de trabalho, de pesquisa e comunicação, deve ensinar a usar com responsabilidade o que tem de positivo e negativo; afirmar que a tecnologia não é má, pelo contrário é boa, mas chamar-se-ia tecnologia responsável. Por outro lado, é o campo da distração, da desumanização e, acima de tudo, torna-se um vício, onde os jovens não podem viver sem redes e, especificamente, sem internet.

Nesse sentido, e no contexto em que se realizaram ações de reconhecimento e identificação, se viu a necessidade de identificar questionamentos que realmente tenham uma resposta possível e viável: como chegar até os estudantes para provocar o interesse pelo ensino religioso? Como e onde encontrar os programas de formação religiosa que sejam construídos de acordo com a realidade presente?

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A Igreja tem uma missão na educação, é neste sentido que se deve entender o conceito de educação que a Igreja comunica; é necessária uma educação que eleve o ser humano da sua reali-

dade material até a sua existência transcendente. Daí, todas as realidades humanas, por mais pequenas e ordinárias que sejam, honoráveis ou miseráveis, são iluminadas pela luz de Cristo na sua vida humana.

As instituições educativas devem orientar-se para humanizar e personalizar, desenvolver plenamente o pensamento, a vida afetiva e, em geral, todas as capacidades da pessoa, segundo a Conferência Episcopal Mexicana (CEM 2012). Existe um verdadeiro abandono desta orientação por parte da Igreja e um completo desinteresse por parte dos estudantes. Esta situação não é desconhecida, na história houve mudanças radicais de pensamento, ideias e atividades; agora há uma mudança muito especial causada pela tecnologia, pelas redes sociais, pelos conteúdos materialistas e pelo surgimento da Inteligência Artificial (IA), que se não for orientada de forma responsável está a formar seres desumanizados.

A Igreja evangeliza educando e educa evangelizando (CEM 2012). O CEM prossegue dizendo que uma escola católica procura, acima de tudo, uma educação integral e de qualidade, na ciência e na verdade, centrada no ser humano. No mesmo documento tem uma afirmação para refletir, analisar e tomar decisões: *“O Evangelho é a proposta mais audaciosa e definitiva para a realização transcendente do homem”*. Não é fácil realizar ações sob esta proposta e, no entanto, elas devem ser tomadas e realizadas, pois é missão da Igreja.

Não podemos esquecer todos os esforços que a Igreja Católica tem feito ao longo da sua história em prol da educação: missões, mosteiros, escolas paroquiais, universidades, escolas ... Juntamente com esses esforços, as contribuições que têm oferecido à educação devem ser reconhecidas (MARAURI, 2016). Consideremos que a história é fonte de identificação, confronto, reconhecimento e, sobretudo, de aceitação da própria origem; uma sociedade sem história não existe. É necessário considerar o trabalho que a Igreja realizou na história de cada povo, de cada cultura e de cada ser humano, mas segundo os tempos já não foi suficiente, de certo modo estancou e se vê superada. A história pede novos programas, novos planos e o mesmo uso de tecnolo-

gia responsável. O tempo e a história avançam e não há volta, não perdoam o que se deixa sem fazer.

Se a educação não forma, primeiramente, pessoas que amam o bem, a beleza, a verdade e a justiça, tudo o resto permanece em terreno frágil e superficial. A primeira coisa que a educação deve perseguir é a busca e a aceitação da verdade. Quem, conhecendo a verdade, não vive de acordo com ela, acaba por distorcer a própria verdade. Educar na verdade não consiste apenas em afirmá-la teoricamente, mas em assumi-la como proposta existencial de vida; para que a verdade cumpra a sua missão, é necessário ter um coração reto. Este é o caminho da verdadeira sabedoria.

Os jovens, ao receberem educação formal em qualquer instituição de ensino, devem ter a oportunidade de cultivar a razão e fazer perguntas que indaguem sobre o significado mais profundo da realidade. Muitas dessas perguntas e suas respostas levam à construção das diferentes ciências, no entanto, o questionamento mais profundo que habita no coração é aquele referente ao sentido último da vida:

1. Qual é o destino final para o qual fui criado?
2. O que explica tudo o que acontece dentro de mim e à minha volta?
3. Todas as minhas aspirações são absurdas ou há respostas reais para as exigências do meu coração? (CEM 2012).

PROGRAMAS EDUCATIVOS BASEADOS NA DOCTRINA CATÓLICA

Cristo, verdadeiro homem, como uma criança judia, aprendeu e fez suas as expressões culturais do povo judeu, a língua, o alimento, o canto e as aspirações de paz e liberdade desse povo. Do mesmo modo, as tradições são aprendidas e respeitadas, enxertando a novidade do Evangelho sob formas por vezes novas. Transformar pacientemente tudo na cultura que se opõe ao Evangelho e aos valores do Reino. Pedir muito, como as crianças fazem, para aprender ou entender as coisas. Na verdade, em uma situação *ad extra* de anúncio, quando você começa a falar uma língua, você

usa um pequeno vocabulário e você tem que perguntar muito, não só sobre a língua, mas também sobre o que as coisas significam. Deve ser iniciada, educada e corrigida e vai desde a gramática e suas expressões linguísticas até o significado profundo dos costumes e tradições. Sob o conteúdo dessa premissa, é viável a realização de programas educacionais para estudantes universitários e estudantes do ensino médio. A experiência *ad extra* assemelha-se em muitos aspectos ao caminho percorrido por Jesus na sua encarnação: como homem com a necessidade de aprender, de ser fiel ao Pai e à vida da sua família e do seu povo.

Deve-se ter uma grande abertura de espírito, uma capacidade de adaptação numa natureza rica e equilibrada, num contexto cultural que responda às necessidades da nossa missão. Só assim será possível realizar programas que atraiam atenção, interesse e desejos perante uma nova realidade. A Igreja, fiel à missão que lhe foi confiada por Cristo, tem a tarefa própria de anunciar o Evangelho e ensinar a verdade sobre Deus e o homem (CEM 2012). A Igreja tem uma grande missão no processo educativo, respeitando a dinâmica de uma realidade familiar e cultural.

A Igreja tem uma grande responsabilidade, seguir o caminho, a missão e a encarnação do próprio Filho de Deus, do homem Jesus Cristo: não é uma tarefa fácil; há exigências, empenho e dedicação para os jovens que exigem a verdade. A necessidade de criar e construir programas que devem ser buscados com urgências para serem implementados nas instituições de ensino. Programas que expressem o valor do Evangelho para iluminar a inteligência e a consciência do homem e orientar a sua vontade para o que é verdadeiro, bom e justo, deve ser a maior proposta (CEM 2012). Baseando-se em propostas do Evangelho audaciosas e definitivas para a realização do ser humano, é isso que os jovens querem: querem conhecer a verdade, querem conhecer a sua doutrina, já não querem dizer “sou católico, mas não pratico, sou católico mas não vou à missa, quero saber mas não há ninguém que me ensine”.

É necessário apresentar a pessoa de Jesus Cristo como o

amigo, o exemplo a seguir, o mestre que não confunde, aquele que tem o olhar que chama, a personalidade que impacta, o mestre com um reconhecimento adicional: *“o povo ficou maravilhado com o seu ensinamento, porque o fez com autoridade, não como os escribas”* (Mc 1,22).

Os programas educacionais religiosos devem estar de acordo com sua realidade, seja ela econômica, cultural ou familiar. A Igreja terá que analisar cada momento que os jovens estudantes estão vivendo; o interesse que agora existe é materialista e tecnológico, neste sentido, *“só a verdade nos tornará verdadeiramente livres”* (Jo 8,31-32) e é isso que realmente se procura no nosso tempo. Na realidade, a razão de ser da Igreja e a sua missão primordial é comunicar o Evangelho de Jesus Cristo e continuar a sua obra de ensino e salvação (CEM 2012).

FORMAÇÃO PARA DOCENTES BASEADA EM VALORES EVANGÉLICOS

Uma das figuras mais importantes no processo educativo é a do professor, que não só comunica uma série de temas impessoais do conhecimento humano, mas também orienta para a verdade com sua vida e ensino. O verdadeiro mestre é sinal da riqueza de valores, tem a autoridade da experiência e da ciência que o constituem no apoio à verdade e ao desenvolvimento do futuro de cada pessoa e de cada sociedade (CEM 2012).

O professor deve empenhar-se e procurar ajudar a encontrar a razão de ser da sua própria pessoa, o sentido da vida e a integração numa sociedade com sentido fraterno e justo, com ideais de autoaperfeiçoamento e da sociedade em geral. De que serve uma grande preparação profissional quando falta o sentido da própria vida? (JOÃO PAULO II, 1981)

Que os professores sejam pessoas abertas à verdade, nos diferentes ramos do conhecimento, sabendo ouvir e vivendo dentro de si o diálogo da disciplina. A melhor maneira de ser professor não é apenas ensinar, mas sobretudo viver o que é ensinado como uma convicção e uma paixão que exprime a autêntica vocação.

Jesus não é um simples mestre de novidades, um recurso fácil para alcançar a fama, mas de ideais para alcançar o verdadeiro desenvolvimento das virtudes, e é por isso que ele ensina a exigência da verdade, da firmeza e do sacrifício para alcançar a perfeição. O mestre vai antes do discípulo e o próprio Cristo é o modelo a seguir para percorrer esse caminho (CEM 2012).

Em situações *ad extra*, o rosto humano encontra a sua expressão máxima no caminho de Cristo na sua encarnação. A formação de professores é uma maneira de alcançar os alunos, a mensagem do evangelho é e continuará a ser inovadora, atraente e satisfatória para as necessidades atuais dos estudantes universitários. Desejosos de conhecer e conhecer as respostas às suas perguntas, os professores devem estar preparados para responder às questões colocadas pelos jovens estudantes.

Onde se encontra a formação para os docentes que o tempo atual exige? Sabendo que cada Diocese em particular se preocupa com a formação dos seus fiéis em geral e de forma integral, quem é responsável por documentar, instruir, preparar e ativar a ação do professor? Eis o desafio para a Igreja, eis a realidade da missão *“ad extra”*.

As instituições educativas devem estar orientadas para humanizar, personalizar e desenvolver plenamente o pensamento, a vida afetiva e, em geral, todas as capacidades da pessoa. Uma escola católica procura, acima de tudo, uma educação integral e de qualidade, na ciência e na verdade, centrada no ser humano. Ele sempre com uma tendência a respeitar e amar as pessoas, a expressar sua própria liberdade no dom de si e no serviço aos outros para a transformação da sociedade (DAp 336).

Para anunciar os valores do Evangelho, é necessário ter aquela preparação que nos convida a receber valores sinalizados de maneira interessante e marcante, que transmitem alegria, simplicidade e, sobretudo, conduzem à verdade; com exemplos da vida cotidiana e os detalhes mais comuns de que todos dispõem, valores que nos falam do mistério do homem e do mistério de Deus.

CONCLUSÃO

Anunciar o Reino de Deus vai além da simples pregação de uma doutrina ou da busca de “prosélitos” da religião católica. A missão da Igreja na educação orienta-se para a realidade quotidiana das pessoas, caminha ao seu lado e encarna os valores da fé vivida nesse povo. Isto implica que a Igreja terá que ser profundamente humana na sua ação apostólica e nas suas relações com as pessoas. Transmitir a verdadeira mensagem do Evangelho é desejo, inquietação e anseio de transmitir a verdade; os alunos estão disponíveis, com docilidade e simplicidade para ouvir, receber e aceitar o novo e o desconhecido, desde que satisfaça o seu vazio e a fome de conhecer a Boa Nova.

A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é partilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa para pessoa, de comunidade para comunidade [ad intra], e da Igreja para todos os confins do mundo [ad extra] (cf. At 1, 8). (DAp 145).

No Pacto Educativo Global do Papa Francisco, encontramos uma maneira de iniciar um bom programa tanto para os estudantes como para os professores, onde deve ser colocada no centro de todo processo à pessoa, a fim de fazer emergir a sua especificidade e a sua capacidade de estar em relação com os outros. Além disso, precisamos escutar a voz das crianças, adolescentes e jovens para construirmos juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna de toda pessoa (Pacto Educativo Global, p. 10 e 11).

É assim que se apresenta “a missão, paradigma de toda a ação da Igreja”, o que significa que a Igreja tem as ferramentas e a preocupação de atualizar a Mensagem de Jesus Cristo, o Evangelho e a Boa Nova, com propostas e com sentido de opção. A única coisa que falta é a ação, com programas atuais para evangelizar estudantes universitários e a formação de professores encarregados da missão *ad extra* nas instituições de ensino.

A labor do missionário implica não apenas a transmissão da fé, mas também o acompanhamento espiritual ao longo do caminho da conversão. Deve estar disposto a ensinar, responder a per-

guntas e guiar as pessoas em sua busca espiritual. Isto requer paciência e uma profunda compreensão da fé que está compartilhando.

Há alguns anos, a Universidade Central da Venezuela, em Caracas, organizou um fórum sobre religiões monoteístas, convidando um rabino, um imã e um bispo católico para falar. A primeira pergunta, à queima-roupa, foi: quem é Deus para você? Seguindo a ordem histórica, o rabino tomou a palavra e disse: “Deus é o ser mais solitário que existe, vive eternamente na solidão, é um e único, e como os cristãos não suportavam esta solidão inventaram a história da Trindade”. O Bispo, por outro lado, fez questão de dizer que o mistério central que acreditamos como cristãos reside no fato de que Deus é comunidade: comunhão de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que sendo três são um e sendo um são três, o mistério da diferença e da unidade. Estes são os temas que interessam aos novos jovens: a diferença entre o bem e o mal, o que é o pecado, onde está Deus, como Jesus viveu, Maria é virgem, para que servem os sacramentos. Como estas questões e muitas outras são o pão de cada dia que exigem respostas claras e simples. *“Não preciso ter a pretensão de pregar o evangelho, pois esse é o meu dever. Ai de mim se não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO MEXICANO (CEM).

Educar para una nueva Sociedad. México, 2012.

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS. **Capítulo General XVIII.**

Bukavu, Republica Democrática do Congo 2023.

MARAURI CEBALLOS, Jesús. La educación en el Concilio Vaticano II. Departamento de Innovación y Evaluación Educativa, Universidad de Deusto, España. **Revista Iberoamericana de Educación**, vol. 72, n. 1, pp. 89-110, 2016.

JOÃO PAULO II. **Exhortación Apostólica Familiaris Consortio.**

Roma, 22 de Noviembre de 1981.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Pacto educativo global.** Vademecum. Roma, 2020.

BIORD CASTILLO, Raul. La misión, paradigma de toda la acción de la Iglesia: la Misión ad gentes (ad intra y ad extra) y la Misión Continental Permanente (programática y paradigmática). **Boletín OSLAM** – Organización de Seminarios Latinoamericanos 69 (2016) 84-132.

ZAPATA TORRES, Juan Álvaro. **Entrevista**. Bogotá, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1948055125586070>. Acesso: 24/03/24.

A FRONTEIRA DA PÓS-MODERNIDADE

Desafios na Pastoral da Juventude na América Latina

Oswaldo Pulido Reynoso
18valdomero@gmail.com

RESUMO: Escolhi este tema porque, na minha experiência de trabalho na Animação Missionária e Vocacional há vários anos, senti a necessidade de me atualizar em cada etapa vivida no trabalho com jovens, que não raras vezes me desafiaram com suas perguntas, suas preocupações, com a experiência de sua pouca ou muita fé. Por vezes, tenho tido dificuldades com a sua forma de raciocinar e de apresentar os seus argumentos influenciados pela educação familiar, pela influência da sociedade, da própria cultura, etc. Apresentarei o pensamento pós-moderno e, em seguida, falarei sobre a juventude pós-moderna e os desafios que encontramos em nossos dias para exercer o ministério juvenil e missionário.

ABSTRACT: I chose this topic because in my experience of working in Missionary and Vocation Animation for several years now, I have felt the need to be updated in each stage lived in the work with young people who have not infrequently challenged me with their questions, their concerns about the experience of their little or much faith; Sometimes I have struggled with their way of reasoning and presenting their arguments influenced by family education, the influence of society, culture itself, etc. I will present postmodern thought and then talk about the postmodern youth and the challenges we encounter in our days to exercise youth and missionary ministry.

INTRODUÇÃO

Através deste artigo, desejo apresentar alguns elementos da realidade dos jovens no contexto atual, a partir do mundo vital deles, de sua forma de pensar, agir, viver os seus desafios e escolhas de vida, e assim poder ter uma melhor aproximação com os jovens de hoje para os ajudar a crescer na sua fé e acompanhá-los

a discernir nas suas vidas. Neste artigo, explicarei o que significa pós-modernidade. Iluminarei o assunto a partir de um quadro crítico doutrinário e sociológico do mundo da juventude.

PÓS-MODERNIDADE

Algumas definições ou aproximações da pós-modernidade podem ser ditas da seguinte forma: “*O pós-modernismo é uma ruptura do campo estético do modernismo*” (Rosalin Krauss e Douglas Crimp). O projeto de modernidade é complexo. “*A prática pós-modernista não se define em relação a um determinado meio, mas em relação às operações em uma série de termos culturais*” (Kraus). A forma como concebemos o pós-modernismo é importante para determinar a forma como representamos o presente ou o passado.

O termo pós-modernidade não tem uma definição fácil. Hoje em dia, este termo indica uma corrente de pensamento, uma tendência artística, um estilo de vida, uma certa moda e até mesmo um momento histórico. De qualquer forma, a pós-modernidade é uma nova forma de pensar e viver que se expressa em termos e palavras como: *tendência, estilo de vida, mentalidade*. O pós-modernismo assinala uma despedida da modernidade. A pós-modernidade pode suscitar debates no campo: filosófico, cultural e educativo.

A pós-modernidade surgiu no final do século passado. “*A pós-modernidade é a rejeição de sistemas fechados totalizantes*” (Lozano). “*A pós-modernidade diz adeus ao ideal moderno de fundação e grandes princípios fixos, para se abrir a uma nova episteme*” (Mardones). Algumas palavras que poderiam definir a pós-modernidade são: desconstrução, esgotamento, personalização, hedonismo, pluralismo, narcisismo, individualismo, relativismo.

A pós-modernidade destaca a autonomia, se descentralizam os princípios reguladores da sociedade, se diluem os modos de vida e as opções, assim surge um vazio. Sobre algumas luzes e sombras da pós-modernidade, podemos enumerar as seguintes. Os mecanismos de controle não desapareceram, foram adaptados renunciando à imposição (por exemplo: fumar não é proibido,

mas as pessoas são conscientizadas sobre a nicotina sobre sua saúde). Isso implica a responsabilidade pessoal do indivíduo, ou ele se domina ou ele sai do controle. Outro exemplo o temos no desaparecimento das obrigações religiosas: a pós-modernidade deixou de lado os costumes da família e das relações interpessoais.

Na pós-modernidade todos os obstáculos institucionais desaparecem dando origem aos desejos pessoais; já não há mais modelos prescritos, mas condutas eleitas e assumidas pelos indivíduos; não há normas, mas discussão, isso dá origem ao relativismo pós-moderno ou ao chamado culturalismo. A verdade sobre o homem e o mundo é impenetrável, agora temos que dialogar, ir ao consenso social para a diversidade de opiniões e culturas. O relativismo leva a conhecer muitas coisas, sem se comprometer com nenhuma delas. Tentam anular o valor da verdade, vale tudo, não há nada absoluto. Assim, poderíamos dizer que, enquanto a *modernidade* apoia o absoluto, a unidade, o objetivo, o esforço, o forte, a sacralização, a razão, a ética, a formalidade, a certeza, a segurança, a *pós-modernidade*, por outro lado, sustenta o relativo, a diversidade, o subjetivo, o prazer, o efêmero, o presente, a secularização, o sentimento, a estética, o humor, o agnosticismo e a passividade.

Como a pós-modernidade tem impactado nos jovens? Começamos com a pergunta: quem é o jovem? *“O jovem é uma pessoa que tem entre 15 e 29 anos. Certamente, os dados variam de acordo com o país de onde vêm e de acordo com suas próprias características”* (UNESCO).

A juventude também é determinada pelo aspeto biológico, psicológico e cultural. Os jovens tendem a agrupar-se, procuram o coletivo, a agremiação. Assim, o mundo dos jovens desenvolve-se em espaços onde eles escapam do mundo adulto e normativo. O mundo dos jovens tem uma carga visual, virtual, emocional, social, cultural, enfim, todo o simbólico. Os jovens participam nas diferentes correntes ideológicas, são capazes de assumir qualquer ideologia como estilo de vida, o mesmo acontece no campo artístico e literal, são protagonistas das diferentes mudanças de época.

É importante destacar o mundo simbólico dos jovens. O símbolo encontra o seu significado numa experiência em que o humano encontra as mediações e tem a ver com a emoção, o imaginário e o intuitivo. O jovem de hoje deixou os lugares tradicionais simbólicos da sociedade para encontrar outros espaços como: shoppings, locais de lazer, esportes, shows. Tudo o que expresse emoções coletivas é o que atrai o jovem.

Outra chave para entender os jovens é através das tecnologias e redes sociais, esses jovens são chamados “*nativos digitais*”, com as tecnologias existentes e redes sociais, eles se aproximam de amigos virtuais à distância, mas distantes do real; por exemplo lhes custa se comunicarem de pessoa a pessoa, para manter conversas profundas na frente do outro, encontram-se inseguros, sem saber o que dizer ou o que falar, e isso leva os jovens à solidão e ao vazio existencial.

Encontramos algumas categorias juvenis. Os esquemas de manifestação dos jovens são diferenciados e desiguais. Em *primeiro plano*: há os jovens alternativos, dissidentes e excluídos. Para estes jovens não há esperança, não há espaços para dar sentido à sua existência, são bucha de canhão para os vícios e a delinquência. Em *segundo plano*, vemos jovens desesperançados em instituições de ensino religioso e são rebeldes. Em *terceiro lugar*, temos jovens incorporados, alguns estudam, outros trabalham, envolvem-se na religião, são apolíticos, entregues ao vício e ao álcool. Finalmente, no *quarto nível*, encontramos jovens globalizados, são jovens que vão estudar no exterior e se destacam na arte, moda e cultura.

MARCO CRÍTICO DA PÓS-MODERNIDADE

Notamos que a sociedade atual é uma sociedade de comunicação generalizada (mass-mídia). “*Os meios de comunicação social não garantem uma sociedade transparente e autoconsciente, mas uma sociedade complexa e caótica*” (Gianni Vattimo).

O pós-modernismo levou a uma crise de valores religiosos.

Deus no passado predominava na cultura ocidental, agora, na melhor das hipóteses, Deus está ausente ou Deus não é notado e não é necessário. Podemos dizer que em nossos dias abunda mais do que ateísmo a indiferença agnóstica. Na geração de hoje vemos um jovem sem perguntas, as realidades últimas não têm importância para eles. A pós-modernidade empurrou bastante a secularização; o homem secular é um homem autoconfiante capaz de resolver tudo, a partir da ciência e da tecnologia, independentemente do absoluto e do divino. Nesta perspectiva, o resultado é que a liberdade de consciência é sacralizada, levando a um subjetivismo por vezes exagerado.

A vida moral é vista como algo de rígido, eologando o puritanismo e a pureza, com a norma: *“assim deve ser”*. Por outro lado, *“estão surgindo novas formas de espiritualidade, está acontecendo ‘a vingança dos oprimidos’ daquele jovem que devia obedecer sem mais delongas”* (Mardones). Surge uma busca pelo religioso como: a crença no horóscopo, experiências místicas, a práticas para alcançar o êxtase, o encontro com a natureza, auto-ajuda, etc.

Outra característica que vive o jovem atual, é o consumo de massa produzindo um hedonismo narcisista e egoísta, o sujeito perdeu a autoconfiança, não tem capacidade de crítica, tornou-se sem solidariedade e individualista. Qualquer escolha ou projeto que os jovens façam é acompanhado pelo seu cancelamento imediato, não gostam de compromissos a longo prazo, aborrecem-se ou acham muito comprometedores, querem também experimentar novas experiências; eles procuram desfrutar de prazer e diversão. Desta forma, a sociedade de consumo faz um jovem sem referências próprias, sem vontade, e traduz-se em *“eu fraco”*.

O hedonismo vai formando um jovem que só gosta de viver no presente perpétuo, trata-se de um presenteísmo, isto é, viver no aqui e agora e isso é incompatível com as exigências da conversão, lhes custa viver com responsabilidade, para ser fiel a um projeto que dê sentido à sua existência.

Por outro lado, no campo da fé, alguns jovens têm dificuldade em aceitar certas verdades religiosas, desconfiam da Igreja

(Instituição), mas também não há hostilidade em relação a ela. Os jovens procuram viver uma religião light, a tal ponto que as suas crenças não implicam estar apegados a normas ou instituições.

Neste ponto, podemos afirmar que a pós-modernidade se configurou com as seguintes características: uma mentalidade pragmática operacional, uma visão fragmentada da realidade, renúncia ao compromisso, desvinculação do institucional em vários níveis: político, religioso, familiar e ideológico. No entanto, a resposta religiosa mais frequente ao longo da história, para tentar dar uma resposta às realidades da nossa existência como: o erro, a injustiça, o sofrimento e a própria morte.

Educar os jovens segundo a pós-modernidade é educar para o bem e para a felicidade, educar no relativismo e no presente, mas essa educação leva o jovem a ter um pensamento fraco. Educar no presente é educar nos valores do quotidiano, nas pequenas histórias e contos, na desconfiança, no humor, na superficialidade, é permanecer na passividade. Para muitos jovens, o passado deixa de ser memória e tem pouco significado. O futuro, como parece tão distante do horizonte da vida, não se preocupa muito, *“tudo pode ser ou deixar de ser, depende”*, dispensar o antes e o depois é privar o ser humano de uma dimensão fundamental. A vida sem fundamento leva a uma passividade, isto é, a uma vida superficial, a uma falta de personalidade. A sociedade de consumo e de bem-estar conduz os jovens à violência, à dependência e ao enfraquecimento da vontade.

O Documento de Aparecida (DAp), V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, apresenta algumas características culturais que ajudam a compreender a mudança de época com as características do pós-modernismo. A conceção integral do ser humano, isto é, a sua relação com o mundo e com Deus, está desvanecendo-se. Hoje o indivíduo é valorizado e isso enfraquece os laços comunitários e dá importância à imaginação. O bem comum é posto de lado para dar lugar à realização dos indivíduos, ou à opinião subjetiva.

A ciência e a tecnologia geram uma nova visão da realidade,

criam uma nova linguagem e uma nova cultura. Aos poucos, gera-se a indiferença para com o outro, que não precisa nem se sente responsável; vive-se apenas o cotidiano, sem compromissos de longo prazo. As mudanças culturais modificaram os papéis tradicionais das pessoas. O mercado e a publicidade levam adolescentes e jovens a mundos maravilhosos, todo desejo é satisfeito, então a felicidade é alcançada com desejos realizados e com um bom nível econômico. Os jovens vão adquirindo o vício em sensações e crescem sem referências a valores e instâncias religiosas; novos sujeitos emergem com uma nova forma de pensar, sentir, relacionar.

Resgatando algo de positivo da mudança cultural, encontramos o valor fundamental da pessoa, da sua consciência e experiência, a inquietação ou a busca do sentido da vida e da transcendência. Há uma diversidade de culturas em nosso continente latino-americano onde a pós-modernidade esteve presente: culturas indígenas, afro-americanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas. Estas culturas coexistem em condições desiguais com a cultura da globalização.

DESAFIOS PARA UMA PASTORAL DA JUVENTUDE E VOCACIONAL

A partir do subjetivismo e da autonomia dos jovens nesta era pós-moderna, devemos insistir mais em suas experiências de vida do que em conteúdos doutrinários. É preciso olhar para as experiências de fé com conteúdo que tenha que ver com a sua vida e com o social. Promover projetos que impulsionam tudo o que é humano, dar a conhecer os testemunhos de serviço e martírio, desta forma estão a ser apresentados a pessoas concretas da vida quotidiana. Para fazer isso, há alguns pontos para considerar.

Estamos assistindo ao pensamento fraco e light que prevalece nos nossos dias, aqui temos de potenciar a imaginação criativa, as expressões vitais, ter tolerância, paciência perante as suas atitudes ou expressões por vezes superficiais. Alguns jovens estão à procura de uma religião “*coquetel*”.

Encontramos também uma micro linguagem ou micro his-

tória. Os jovens rejeitam línguas com características absolutas, contentam-se com uma linguagem superficial que tem a ver com o existencial e o histórico. Eles gostam de música, vestido, tatuagens. Os jovens procuram o significado e o sentido da história.

Por isso, a nossa pastoral deve ser animada pela pedagogia do encorajamento, que tem em conta a dimensão sedutora, na estética, social, religiosa ou mística, pelo que é necessário apresentar uma dimensão sedutora de Jesus e do seu Evangelho que os atinja e lhes diga alguma coisa.

O que fazer com os processos pastorais dos jovens? O que conta é a rapidez dos processos, os jovens não toleram processos com objetivos de longo prazo. Será necessário marcar micro processos, coisas muito específicas e realizá-los nos tempos fortes ou significativos: Natal, acampamentos, processos de paz, crisma, entre outros. Os jovens estão mais no mundo virtual do que no mundo real, daí o desafio: *como atrair os jovens, como motivá-los?*

Diante dos desafios da pastoral da juventude e vocacional, devemos considerar que vivemos em um mundo onde prevalece o material, o dinheiro, mas também existem os pobres e marginalizados. O nosso mundo está cada vez mais sexuado, onde a sensualidade se impõe nas suas diferentes manifestações e surge um vazio existencial entre os jovens que não sabem apropriar-se do tempo. Nas famílias, cessou o cultivo da fé, razão pela qual procuram que as escolas religiosas e as paróquias ajudem os seus filhos a formarem-se em valores e na fé. No entanto, os jovens que encontramos nas paróquias e escolas nem sempre têm uma fé sólida, alguns sentem que a fé lhes é imposta ou estão cansados da religião e dificilmente se identificam com a Igreja, apenas procuram um espaço para manter amizades, estar com o grupo e como local de encontro. Precisamos motivar os jovens para que façam uma opção por Jesus Cristo.

Diante dos desafios apresentados pela realidade do nosso mundo, a Igreja, a pastoral da juventude e vocacional, colocam algumas questões que são desafios importantes em nossos dias: *Como propor uma fé madura e adulta aos jovens de hoje? Como po-*

demos ajudar os jovens a escolher na cultura em que vivemos? Qual será o perfil das vocações neste mundo globalizado e a falta de experiência de Deus? Deus continua a chamar aos jovens!

É certo que o desafio é que os jovens respondam generosamente, mas *como podemos fazê-lo?* A resposta deve ser dada por cada departamento de pastoral da juventude e vocacional de acordo com o seu contexto, no entanto, não deve ser descartada: oração, fazer uma pastoral de propostas e processos, visando uma vocação de qualidade e não de números, além de dedicar tempo para fazer um acompanhamento espiritual e vocacional que ajude a discernir – exige uma preparação profissional do promotor neste campo – enfim, trata-se de três palavras-chave: despertar, discernir e acompanhar.

O Documento de Aparecida (DAp) nos apresenta as mudanças religiosas, éticas e culturais que colocam a Igreja latino-americana em uma nova época, acentuada, aliás, pelo fenômeno da globalização. Tudo isto implica um desafio para uma nova evangelização, antes de mais na juventude e na cultura vocacional: *“É necessária uma hermenêutica dos símbolos”* (Secundino Movilla). Os jovens preferem encontros ou concentrações massivos, alegres, festivas, emocionais e de curta duração.

Que relação têm os jovens com a Igreja? Em primeiro lugar, percebe-se a ausência de instituições eclesiais atraentes para os jovens, o afastamento da paróquia, a falta de informação religiosa, a implicação da Igreja com os pobres, a falta de ligação dos jovens com a hierarquia e, além disso, alguns jovens têm uma certa alergia às práticas religiosas. O desafio para a Igreja, portanto, é fazer com que os jovens se tornem discípulos de Jesus, para isso exige-se uma espiritualidade a partir do misticismo e da prática, onde a experiência de Deus e da sua palavra se torna uma inspiração, um desejo a ser alcançado, uma necessidade, uma práxis.

Os acentos da espiritualidade latino-americana são: apresentar e motivar a seguir o Jesus histórico, dar a conhecer Maria como modelo de vida, a experiência dos pobres como fato histórico bíblico, é muito necessário acompanhar eficazmente os

jovens, especialmente os que estão na militância. Tem sido surpreendente na América Latina que os mesmos jovens motivem outros jovens a fazer missão ou experiência de voluntariado e estejam muito interessados nessas experiências com os pobres, os marginalizados. É bom chamar os jovens e as pessoas consagradas a trabalharem juntos na missão como discípulos e missionários.

Para concluir, gostaria de referir – ainda que brevemente – o acompanhamento profissional que deve ser prestado aos jovens. É importante aproximar-nos a ESCUTAR aos jovens e caminhar pacientemente ao seu ritmo. Os jovens de hoje procuram “*irromper*” (entrar) nas várias esferas: política, movimentos, comunicações, grupos da Igreja. Temos que deixar de lado nossos preconceitos para entrar no mundo interior dos jovens, teremos que “*tirar os sapatos*” para pisar em solo sagrado. Trata-se de ouvir os jovens nas suas diferentes línguas: ver os seus gestos, as suas espontaneidades, captar as suas atitudes e os seus desejos ou aspirações e, assim, sentir empatia e ligar-se a eles para fazerem um caminho juntos.

E que pastoral e a que jovens nos dirigimos?

Nos nossos dias fala-se de uma *pastoral mutante* para os jovens, ou seja, daqueles jovens que correm de um lugar para outro, mudam constantemente, estão em busca de significados, vão em busca do que mais os impacta e marca suas vidas. Encontramos também *o jovem peregrino ou crente errante*, que acredita de forma regulada e não institucionalizada. Depois, há *o jovem convertido*, aquele que pertence a um determinado grupo, tem uma religiosidade em movimento e é um buscador espiritual.

CONCLUSÃO

Em muitas das nossas comunidades xaverianas, nas nossas missões, trabalhamos com os jovens, tanto na animação com eles como no trabalho de fazer processos de discernimento em nível vocacional, particularmente no contexto juvenil do continente latino-americano.

As mudanças da época e a nova metodologia que hoje exigimos para aprender a compreender e saber estar com os jovens, desafia-nos a preparar-nos com novas ferramentas e métodos para nos conectarmos com eles e exercermos uma melhor animação missionária e vocacional com o mundo dos jovens. É por isso que o conteúdo deste tema quer ser uma ferramenta para conhecer um pouco mais sobre o jovem pós-moderno que vemos hoje.

PARA REFLETIR

- A partir do trabalho e do contato com os jovens em nossas comunidades xaverianas, como a pós-modernidade impactou nos jovens, que experiências você teve?
- Que desafios enfrenta a Igreja para tornar o anúncio do Evangelho mais significativo para os jovens dos nossos dias?
- Diante do desejo dos jovens de se comprometerem com os pobres e necessitados, como motivar os jovens dos grupos que acompanhamos a viver um compromisso missionário e duradouro no encontro com os marginalizados?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

V CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE. **Documento de Aparecida**. Brasil, 13 al 31 mayo 2007

ARIEL FRESIA, Iván. **Jóvenes errantes y declive de la pastoral**. Hacia nuevas perspectivas de la pastoral con los jóvenes. Buenos Aires: Ediciones Stella, 2016.

_____. **No siempre se hizo así**. Para construir una pastoral con los jóvenes. Buenos Aires: Don Bosco, 2018. DYKINSON, Enrique Gervilla. **Postmodernidad y educación**. Valores y cultura de los jóvenes. Medellín: Salter, 1993.

FOSTER, Hal et al. **La posmodernidad**. Barcelona: Kairos, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Los tiempos hipermodernos**. Barcelona: Anagrama, 2006.

SILVA GUILLAMA, Carlos Eduardo. **¿Dios sigue llamando?** Pastoral de las vocaciones: desafíos en tiempos de crisis. Salto: Romanos, 2003.

URRIAGO, Oscar. Los desafíos a la formación desde el contexto de la realidad actual. **Medellín**. Bogotá, v. 36, n. 142, abril-junho 2010, p. 151-176.

VATTIMO, Gianni et al. **En torno a la posmodernidad**. Barcelona: Anthropos, 1990.

ZUECO, Vicente. Discípulos y Misioneros – Desafíos de la Pastoral juvenil y vocacional ante la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. **Seminarios sobre los ministerios en la Iglesia**. Madrid, v. 53, n. 184, Abril – junio 2007.

A MISSÃO AD GENTES NA PERSPECTIVA DAS “NOVAS FRONTEIRAS” JUNTOS AOS POVOS INDÍGENAS

*de Raymundo Camacho Covarrubias
becamacho@yahoo.com.br*

RESUMO: Neste artigo tentar-se-á expor como essas “novas fronteiras”, nem sempre geograficamente definidas, imaginária ou ideológicas, mas sempre reais, afetam a humanidade e o nosso planeta. E, de como estas se reproduzem em populações micro sociais como os povos indígenas e populações tradicionais, deixando enormes e irreparáveis marcas de exclusão e destruição nas culturas tradicionais e no meio ambiente.

ABSTRACT: In this article we will try to expose how these “new frontiers”, not always geographically defined, imaginary or ideological, but always real affect humanity and our planet. And how they reproduce in micro-social populations such as indigenous peoples and traditional populations, leaving enormous and irreparable marks of exclusion and destruction in traditional cultures and the environment.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos os avanços tecnológicos têm andado a passos gigantescos. Nunca antes a globalização tinha sido tão abrangente e evidente no mundo inteiro como o tem feito através dos meios de comunicação atuais. Com tal feito o mundo se tornou mais pequeno. Ou como diz o Papa Francisco, “*A globalização, através dos atuais meios de comunicação nos tornou mais próximos ...*”

No entanto os pensadores, fazendo eco com as palavras do Papa, afirma que, mesmo com os grandes avanços tecnológicos e

económicos a humanidade tornou-se mais egoísta, excludente e individualista, criando divisões tão profundas entre si, que rápido se transformam em “novas fronteiras”, na sua grande maioria ideológicas.

Neste artigo tentar-se-á expor, de uma forma sucinta como essas “novas fronteiras” foram introduzidas entre os povos indígenas e sociedades tradicionais, os prejuízos e a destruição que estas vêm causando à cultura e às tradições dessas populações, como também no meio ambiente.

PREÂMBULO

Ao se falar da missão *ad gentes*, acredita-se seja claro, ao menos no ambiente religioso, que se trata do dever principal da Igreja. Isto é, da resposta ao mandato feito pelo próprio Jesus Cristo a seus discípulos (cf. Mt 28,19).

Para as Congregações Religiosas missionárias, como a dos Missionários Xaverianos, que têm no *ad gentes* o fundamento principal da sua ação missionária associado ao *ad extra*, até alguns anos atrás tudo era tranquilo, tendo como base ou referência a divisão geográfica, estabelecida pela geopolítica, reconhecida universalmente, seja esta, um continente, um país, um estado ou um município, podendo ser também uma nação ou até mesmo um território.

No entanto, os documentos da Igreja, sobretudo a partir do Vaticano II, tanto como as ciências sociais apontam outras várias divisões que através do tempo vão sendo criadas na sociedade; e, através de determinadas circunstâncias nem sempre positivas, terminam se transformando em “novas fronteiras” entre os seres humanos.

No mundo atual influenciado pela globalização essas novas fronteiras foram idealizadas a partir dos interesses econômico, político e de poder; a própria divisão em “blocos”, obedece a tal ideologia e interesses. Atualmente é muito comum falar de fronteiras sociais, culturais, econômicas e de inclusão, mas pou-

co ou quase nada se fala dos efeitos negativos como exclusão, destruição, pobreza e “descarte” que tal divisão está causando à humanidade e ao nosso planeta.

Nos últimos tempos o Papa Francisco fazendo ecoar o pensamento da Igreja, tem se tornado um sinal de denúncia e alerta da catástrofe que aguarda à humanidade, se a atitude egocêntrica dos blocos econômicos e de poder que controlam a economia mundial não mudar. O mundo atual precisa de uma filosofia mais igualitária, inclusiva e solidária.

Quando ele fala de estarmos atentos às “novas periferias”, fazendo referência indireta às novas fronteiras que a sociedade atual tem produzido, não é para contemplar ou se maravilhar, mas para alertar-nos sobre o sofrimento e exclusão que elas vêm causando em enormes contingentes da humanidade.

A base da formação ou aparecimento das novas fronteiras sobretudo, entre as populações mais frágeis e desprotegidas, sem dúvida encontra seu fundamento na globalização com seu sistema de mercado neoliberal.

Persistem hoje, no mundo, inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade ignorada e seus direitos fundamentais ignorados ou violados (cf. FT 22)

UMA BREVE RESENHA

Até meados da década de 1990, a influência da globalização no meio das populações indígenas ainda era mínima e de pouca significância; aliás, até os próprios missionários que na época estavam iniciando o convívio com os povos indígenas, tinham certa dificuldade para explicar ou definir a tal da globalização, os interesses e os perigos que ela poderia trazer não só para os povos indígenas, mas para as populações mais carentes da sociedade.

Até a virada do século os missionários ainda tinham a oportunidade de conhecer e conviver com vários grupos indígenas que ainda viviam e cultivam as tradições que receberam dos seus antepassados. Para alguns deles, sobretudo aqueles que levavam no sangue a mistura das culturas, era como um sonho e ao mesmo tempo uma realidade, em plena virada do século vivenciar a experiência do convívio com esses povos.

Era uma grande honra ser recebido e passar longas temporadas tentando aprender a viver uma forma de vida totalmente diferente da que se vivia no meio da sociedade. (Diários de Campo dos Xaverianos, 1997-2003, biblioteca da Pastoral Indigenista, Redenção, PA).

Tinha-se a sensação de estar vivendo num pedaço do paraíso, mas por outro lado aparecia a preocupação de que a presença de estrangeiros por períodos prolongados no meio dessas populações, viesse trazer mudanças significativas nas formas de vida, cultura e tradições delas. Os próprios missionários inseridos nas populações indígenas, reconheciam que mesmo se esforçando bastante em ser coerentes, acabavam manifestando as necessidades da cultura ocidental dominante.

DIVISÕES INTERNAS

Fronteira ideológicas entre gerações

Não sabemos a ciência certa se foi por uma “ironia do destino” ou por ter sido um dos principais meios de divulgação das ideologias da globalização, mas os primeiros sinais de mudança nas formas de vida e costumes dos povos tradicionais, vieram através da “educação oficial”, implantada pelo Estado nas aldeias dos povos indígenas; querendo ou não a globalização era um dos principais pilares de desenvolvimento pregado pelo sistema do qual também a educação oficial faz parte.

Aconteceu que vários dos municípios da região amazônica foram orientados pela SEDUC assumir a educação indígena nas aldeias, enviando professores externos sem nenhuma preparação

prévia sobre a língua e cultura dos povos indígenas, assumindo as funções educativas, até então realizada pelos missionários. Dessa forma os missionários religiosos e leigos, que desenvolviam a função de professores a pedido dos indígenas tiveram que passar a função para os professores do Estado.

Vários missionários leigos inclusive, que atuavam como docentes acabaram desistindo da missão por acharem que não tinham mais o que fazer nas aldeias. A própria presença dos missionários religiosos nas aldeias, passou a ser questionada, por estes não concordar com a forma de educação que o Estado começou a aplicar nas aldeias. Tratava-se de uma educação completamente descontextualizada, os professores não tinham recebido nenhuma preparação específica para atuar nas escolas indígenas; a maioria deles não tinha nem noção do que era uma educação intercultural, bilingue e diferenciada.

Isto não quer dizer que a educação assumida e ministrada até então pelos missionários, leigos e religiosos, não fosse oficial. Era sim, só que à diferença do Estado, os missionários que atuavam como professores nas aldeias indígenas, além de observar as normas da educação formal do Estado, seguiam as orientações de Conselho Indigenista Missionários CIMI, que por sua vez se baseava nos princípios constitucionais sobre a educação indígena, isto é, a mesma deveria ser: *“bilingue, intercultural, específica e diferenciada”*.

Não precisou de muito tempo, para que entre a juventude indígena começaram a se manifestar os sinais de inconformidade e rejeição aos sistemas da própria organização tradicional, sonhando serem os arautos e principais beneficiários das ilusórias mudanças e benefícios da tal globalização, que era introjetada no imaginário da juventude indígena, mas que infelizmente se gestava na sociedade mundo afora.

Concomitante com a educação chegou também às aldeias a televisão, que facilitou a total assimilação da ideologia da globalização. Chavões de propaganda e o mundo da moda, eram temáticas recorrentes entre a juventude indígena na época.

Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único diz o Papa Francisco, retomando o pensamento do seu antecessor. Essa cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mais não nos faz irmãos” (cf. FT 12).

A sabedoria dos sábios e anciãos não se engana, logo começaram a perceber as mudanças e divisão nas novas gerações. Hoje parecem tão presentes, as palavras ditas por um dos grandes e respeitável caciques do povo Me-be-ngô-kre naquela época.

Ele diz: “É, meu amigo Wajangá! (padre missionário). É muito bom que os jovens aprendam as coisas dos brancos, porque a terra (o mundo) é muito grande, mas o branco é muito esperto (malandro), ele engana. Pior ainda, os nossos jovens agora só querem saber das coisas do branco, não se interessam mais pelas coisas do índio, da nossa cultura. Um dia vão esquecer!” É não é que a profecia há um tempo vem se cumprindo. (DIARIOS DE CAMPO).

Fronteiras econômicas e de poder

“O dinheiro (Pi’òk kapri) produz desintegração, divisão e pobreza”.

Um outro sinal das mudanças começou a ser percebido com a entrada de dinheiro vivo de forma individual ou pessoal. Isso não quer dizer que antes não entrasse ou fosse desconhecido, o dinheiro era bem conhecido inclusive com nome próprio na língua kayapó, *Pi’òk kapri* (folha triste), só para dizer que era uma coisa sem consistência própria e, até mesmo para economia dos povos indígenas tinha pouca significância.

Nessa época, uma grande maioria dos indígenas da região amazônica mantinham uma economia própria, baseada nas tradições ancestrais. Praticavam uma agricultura de “subsistência” que lhes garantia a alimentação por dois ou três anos, o resto ou complemento (carne, peixe, frutas e sementes), era oferecido pela generosidade e abundância da própria natureza. “*Só não tinha o que comer quem não quisesse trabalhar ...*”.

Entre as décadas de 1960 a 1980 entraram montanhas de dinheiro na maioria das comunidades e aldeias indígenas de toda a região amazônica, primeiro com o garimpo e logo com a extração de madeira; ambas as práticas ilegais e clandestinas, mas não se tem conhecimento de algum povo indígena que tenha enriquecido nesse período. Sabe-se, no entanto, que a partir dali começou a destruição e a contaminação de meio ambiente; a divisão entre as comunidades, mesmo latente, se manifestava timidamente; algumas comunidades, porém, ficaram mal-acostumadas com a entrada de mercadorias dos brancos.

Na época apesar de que entravam grandes quantidades de dinheiro, as divisões internas nas comunidades indígenas eram pouco perceptíveis, de um lado porque só as lideranças e o grupo dos guerreiros eram habilitados a fazer negócios com os brancos, porque eram aqueles que mais ou menos entendia o português; por outro lado, os próprios indígenas ainda mantinham a convicção e a credibilidade nas instituições e organizações sociais tradicionais. Tanto o dinheiro quanto os bens adquiridos nas negociações, da mesma forma que a propriedade da terra, eram percebidos dentro do aspecto coletivo ou comunitário.

Os bens adquiridos nos negócios eram administrados pelas autoridades em curso (metades complementares) às quais cabia fazer a distribuição “equitativa” entre todas as famílias da comunidade, de maneira que ninguém passasse necessidade.

Até ali, tudo ia mais ou menos bem. Dependendo da experiência e engajamento dos missionários ainda dava para orientar as gerações mais jovens sobre os riscos e perigos que ocorreriam se não se mantivessem unidos dentro das próprias organizações tradicionais.

Na época, dos não indígenas presentes nas aldeias, entre professores, chefes de posto, enfermeiro e missionários, cabia a estes últimos fazer o papel de “advogados do diabo”, pois eram eles os que mais ou menos entendiam e percebia os prejuízos que a globalização traria para os povos indígenas (DIARIOS DE CAMPO).

Vários indígenas entenderam a mensagem, e hoje em dia, alguns deles que se formaram na educação hoje atuam como professores nas próprias aldeias, exercendo forte influência também como lideranças. É através deles que ainda se consegue manter as tradições junto às porções da população que não se deixaram levar pelas ilusórias promessas da globalização, ou pelo menos souberam contornar os problemas que estas poderiam causar às suas comunidades. Em outras palavras, souberam discernir e assimilar as coisas boas que vinham de fora sem se afastar da própria tradição.

Com a abertura à educação, o ingresso dos idosos ao benefício social da aposentadoria e outras várias mudanças, frutos da globalização, a coisa despencou de vez. Os bens coletivos e o senso comunitário começaram a ser questionados pelos grupos das gerações mais novas; as próprias instituições políticas e sociais foram se transformando e perdendo seu valor e sentido tradicionais.

A organização social e controle da comunidade, tradicionalmente coube aos anciãos homens e mulheres, isto é, os mais experientes ou sábios no âmbito da própria cultura e tradições; enquanto que, a organização política era delegada por sucessão ou escolha daqueles que se destacavam na liderança, defesa e proteção do povo, e sobretudo, que possuíssem espírito generoso.

No sistema tradicional coletivo do bem comum, ninguém na comunidade tinha mais ou menos que o outro e ninguém passava necessidade, pois além dos bens serem comunitários o sistema da retribuição era uma prática comum entre os indígenas, baseado no seguinte princípio: *“Se hoje eu tenho, partilho com a comunidade, na certeza que, se amanhã eu não tiver, não faltará quem se compadeça de mim ...”*

Os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário. Vivem assim “o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações. Tudo é compartilhado. A vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e compartilham em função do bem comum (cf. QAm 20).

No sistema tradicional, os bens comuns eram distribuídos pelo cacique ou lideranças da comunidade, de acordo com as necessidades. Depois que se começou a ter acesso aos benefícios sociais do governo, começando pelas aposentadorias dos idosos, e o individualismo passou a reinar na comunidade.

O egoísmo neoliberal tinha contaminado a juventude; era muito comum ouvi-los dizer: a aposentadoria é dos nossos velhos e, por tanto, cabe à família dispor dela como quiser. Logo, pela cobiça e inexperiência dos novos, os primeiros a passar necessidade foram os próprios idosos (DIARIOS DE CAMPO).

PRESSÃO EXTERNA

Fronteiras econômicas, políticas e de poder

As divisões internas, “fronteiras ideológicas e de poder” dão passagem às pressões externas, dando assim origem às **fronteiras econômicas, políticas e de poder**, colocando o antagonismo entre populações indígena e comunidades tradicionais e a sociedade.

Enquanto a divisão interna das comunidades indígenas se gestava por si, digamos, pela incompreensão e falta de experiência das gerações mais novas, as pressões externas começaram a se manifestar.

Enquanto os guerreiros mais novos ficavam iludidos nas promessas de mudança introduzidas pela ideologia da globalização, aguardando que estas “caírem do céu”, começaram aparecer as tentativas de invasão das terras indígenas por todo canto. Organizadas no começo por pequenos grupos de aventureiros, tentando reavivar os resquícios da “grilagem de terra”, do passado ainda latente na região amazônica.

As disputas entre os pequenos, sabendo que ambos se encontram num mesmo lado da balança, geralmente se resolviam no diálogo e no bom senso. No entanto, fica latente a suspeita de que grupos mais poderosos estejam por trás das ações de invasão realizadas por pequenos, utilizando-os apenas como ponta de lança.

As suspeitas não demoram a se confirmar, logo aparecem poderosos grupos políticos e econômicos saindo em defesa dos “coitados” invasores das terras indígenas, se escoltando nos desgastados slogans: *“Para que tanta terra, para poucos índios ...? O índio não produz, só causa prejuízo!”*

Em relação aos indígenas diz o Papa:

“As suas vidas e preocupações, a sua maneira de lutar e sobreviver não interessavam, considerando-os mais como um obstáculo de que nos temos de livrar do que como seres humanos com a mesma dignidade que qualquer outro e com direitos adquiridos” (QAm 12).

Criou-se assim um antagonismo entre os indígenas, moradores e protetores da terra e do meio ambiente, e os grupos de poder, interessados apenas no lucro e na exploração. Dali em diante iniciou-se uma luta dos poderosos contra os pequenos. De um lado os povos indígenas, moradores e donos legítimos das terras tradicionalmente por eles ocupadas. E, do outro lado os poderosos grupos do poder político e econômico, se digladiando numa luta de “Davi contra Golias”, que vem se alastrando há décadas; por vezes no campo de batalha; por vezes transitando em diversos escalones no Congresso Nacional e no final de cada reviravolta, assemelha-se mais com uma “Guerra sem fim” de ficção científica, com a variante que nesta guerra quem sai perdendo sempre é o pequeno.

Como em toda contenda, tem aqueles que são a favor e, aqueles que são contra, seja de uma parte ou da outra. Da parte dos contendentes, cada um conta com seus aliados e apoiadores. Do lado dos pequenos, os aliados podem até parecer poucos, mas todos são de rostos calejados e conhecidos, são aqueles que confiam não só na justiça dos homens, mas na justiça divina, d’Aquele que é Pai e Criador de uns e, também dos outros.

Tudo isso acontece dentro de uma perspectiva que não reconhece os direitos dos povos nativos ou simplesmente os ignora como se não existissem e como se as terras onde habitam não lhes pertencessem. (cf. QAm 12).

Do lado dos grupos do poder econômico e político, os aliados sempre foram muito numerosos, mesmo que nem sempre se identificassem abertamente, é por todos sabido que grandes conglomerados de congressistas não somente são apoiadores, mas fazem parte dos grupos seja econômico como político. Dessa forma foi-se dando nome “às boiadas” que passaram pela porteira do conhecimento público, sendo denominadas como “bancada dos ruralistas”, “bancada do agronegócio” e inclusive a “bancada dos evangélicos”, e assim por diante.

O auge dessa epopeia, que como já foi dito vem se alastrando há décadas aconteceu no período de 2018 a 2022, no qual o Poder Executivo, aliado número um dos grupos de poder, colocou à disposição destes todo o aparato executivo do seu governo.

O desfecho ainda não chegou ao fim, por vezes a “balança da justiça” parece inclinar-se a favor dos pequenos ..., mas as artimanhas do poder voltam aparecer, e ali as coisas parece que retornam à estaca zero. A cobiça dos poderosos não acabou e, nunca acabará, sempre aparecerão por ali, para tirar proveito do pouco que sobrar para os pobres e os pequenos.

CONCLUSÃO

Questões simples, que poderiam ter sido contornadas e assimiladas através da escuta dos anciãos, sábios e mais experientes na vida; ou quem sabe até na escuta às orientações dos missionários, que atuavam sem outros interesses a não ser a convicção de estar colaborando na construção de um futuro melhor não só para as populações indígenas, mas para toda a humanidade desse planeta chamado Terra, a “Nossa Casa Comum”.

Num cenário como o descrito nesse artigo, não devem ser poucas as vezes que chega a vontade de largar tudo é ir à procura de melhores rumos ... Mas não é pelo interesse pessoal, bens materiais ou vitórias gloriosas que o missionário *ad gentes* deixa tudo, e vai ... É por terem ouvido aquele mesmo chamado que o próprio Jesus Cristo fez aqueles que deixaram tudo e foram.

Pode acontecer que, uma ou várias questões apareçam no final da narrativa. Por exemplo: onde ficaram mesmo as “novas fronteiras”, ou no meio desse embrulho todo onde que estavam os tais de missionários *ad gentes*?

As fronteiras, como foi salientado ao longo da narrativa, em sua maioria são ideológicas, mas reais no nosso dia a dia, cabe a cada um descobri-las, dependendo do lado que se coloque nessa contenda. O missionário que escolheu se colocar do lado dos privilegiados do Reino, sofre junto quando se tem que sofrer, mas também se alegra quando é tempo de sorrir, nas derrotas chora junto e nas vitórias celebra com júbilo.

As derrotas a gente esquece logo, mas as vitórias ficam marcadas para sempre. E, essas tem sido nossas nos últimos tempos: celebramos junto com toda a Igreja o Sínodo para a Amazônia; nos renovamos e alegamos celebrando os 50 anos do Documento de Santarém. Ora, se é para celebrar mesmo. Lá vamos nós, junto com os pequenos, “*o resto dos povos da Amazônia*”. Refazendo a **Memória**, na **Esperança**, **Mística** e **Resistência**, revivendo os 50 anos da criação do Conselho Indigenista Missionário, CIMI.

O Papa Francisco como plena razão, tem falado, inúmeras vezes seja nos seus discursos como nas exortações, da importância da figura do missionário no meio dos povos indígenas, e nós acreditamos que assim seja, por tanto concluímos com as suas próprias palavras.

Oxalá não seja inútil tanto esforço, sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descobramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livres das fronteiras que criamos (QAm 35).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

IV ENCONTRO DA IGREJA CATÓLICA NA AMAZÔNIA LEGAL. **Documento de Santarém 50 anos**. Gratidão e Profecia. Brasília: CNBB, 1022.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB, 2007.

FRANCISCO. **Misericórdia Voltus**. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: CNBB, 2020.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia**. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Brasília: CNBB, 2020.

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS. **Diários de Campo 1997-2003**. Redenção, PA: Biblioteca da Pastoral Indigenista, 2003.



CADERNOS DO CEMLA
Centro de Estudos Missionários Latino-Americano

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS
Rua Victório Viezzer, 701 - Vista Alegre das Mercês
80810-340 CURITIBA, PR - Brasil